

Este livro não é uma biografia. Também não é um ensaio sobre a vida e a obra de uma grande ficcionista. E, muito menos, o depoimento puro e simples de alguém que a conheceu bem ao longo da última década de sua existência.

Nele, reúnem-se duas 'vozes', dois textos: o de Clarice Lispector - composto de fragmentos inéditos até agora - e o de Olga Borelli, que obedientemente os segue, sem comentá-los, mas desentranhando deles a presença de Clarice Lispector como pessoa viva, e não apenas como escritora.

Este Esboço, em cujos traços se interpenetram a paixão de Clarice Lispector e a delicadeza de Olga Borelli, quer ser apenas fiel àquilo que, certa vez, disse James Joyce:

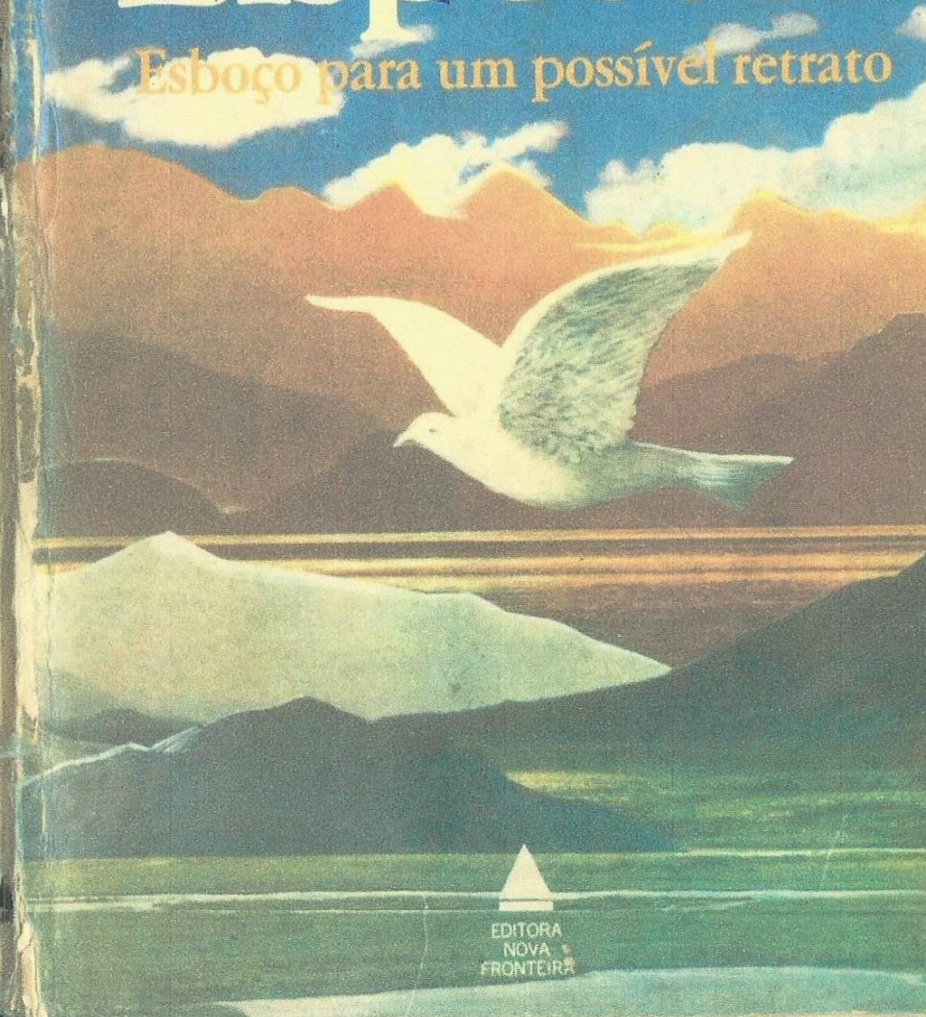
"Um retrato não é apenas um documento de identidade; é sobretudo a curva de uma emoção".


EDITORA
NOVA
FRONTEIRA
SEMPRE
UM BOM
LIVRO

Olga Borelli

Clarice Lispector

Esboço para um possível retrato



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Uma Invenção a Duas Vozes

Este é um livro absolutamente diferente. Não se trata de uma biografia; não se trata de um ensaio sobre a vida e o texto de Clarice Lispector. Tampouco do depoimento de uma pessoa sobre outra com quem conviveu ao longo de toda uma década.

Este livro completa o trabalho desenvolvido, com paciência e carinho, por Olga Borelli, quanto à organização dos inéditos de Clarice Lispector. Esse trabalho começou com a fixação e estruturação - sempre obedecendo a indicações muito claras da própria Clarice - do romance póstumo, hoje já em 3.ª edição, *Um Sopro de Vida*. Depois veio a publicação dos contos que compõem *A Bela e a Fera*: são as suas primeiras narrativas, já reveladoras do que ela viria a ser, a que se juntaram as duas últimas que escreveu: "Um Dia a Menos" e "A Bela e a Fera ou A Ferida Grande Demais".

Agora, porém, era preciso ordenar os pequenos textos, as anotações, os fragmentos que Clarice produzia sem cessar e que não foram aproveitados por ela. Era preciso mostrar, igualmente, como se fosse 'ao vivo', os seus procedimentos diante da elaboração dos seus livros e diante da vida - nela radicalmente inseparáveis. Olga Borelli, então, não assumiu a postura de quem

Edgard Souza Santos Filho

CLARICE LISPECTOR
Esboço para um Possível Retrato

Edgard Souza Santos Filho

ESTA OBRA FOI COMPOSTA PELA
LINOPIPIA LUNA LTDA. E IMPRESSA
NA EDITORA VOZES LTDA., PARA A
EDITORIA NOVA FRONTEIRA S.A.,
EM MAIO DE MIL NOVECENTOS E
OITENTA E UM.

Não encontrando este livro nas livrarias, pedir pelo Reembolso Postal à
EDITORIA NOVA FRONTEIRA S.A. — Rua Maria Angélica, 168 —
Lagoa — CEP 22.461 — Rio de Janeiro.

Edgard Souza

Edgard Souza

observa de fora e analisa. Preferiu trazer
à tona sua própria experiência, deixar-se
tocar pelo texto de Clarice e, ao mesmo
tempo, pela presença do seu convívio
com ela.

O resultado - que, de forma alguma, se
pretende definitivo, conforme, de resto,
palavra 'esboço', no título, sugere - é alg
como uma invenção musical, daquelas,
por exemplo, de Bach, a duas vozes.
A voz de Clarice é a que interessa ouvir
em primeiro lugar; a voz de Olga,
discreta, delicada, obediente à de Clarice
desentranha as imagens cotidianas de su
vida, sempre inacessíveis através apenas
do texto. A própria Olga esclarece:

"Foi com ousadia - pois não sou escritor
profissional; profissional é quem tem, er
relação a si ou ao outro, obrigação de
escrever - que, reunindo estes
manuscritos, escrevi este livro.

"Não foi fácil, como fáceis não foram as
ordenações de *Um Sopro de Vida* e dos
dois últimos contos de *A Bela e a Fera*.
Entreguei-me ao trabalho por duas
razões: a primeira, honrar o compromisso
assumido comigo mesma de não deixar
inéditos estes pequenos textos; a
segunda, tentar responder
satisfatoriamente a pergunta que Clarice
prestes a morrer, me fez por escrito:

Olga,
Você está aceitando minha pobre
companhia?
Responda agora, sim?"

Olga Borelli

CLARICE LISPECTOR
Esboço para um Possível Retrato



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

CLARICE LISPECTOR
Esboço para um possível retrato

© 1981 by Olga Borelli
Textos de Clarice Lispector: © Paulo Gurgel Valente e
Pedro Gurgel Valente

Direitos adquiridos para a língua portuguesa pela
EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.
Rua Maria Angélica, 168 — Lagoa — CEP: 22.461 — Tel.: 246-8066
Endereço Telegráfico: NEOFRONT
Rio de Janeiro — RJ

Capa
VICTOR BURTON

Revisão
MILTON PEREIRA

FICHA CATALOGRÁFICA
CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

L753b Borelli, Olga.
Clarice Lispector : esboço para um possível retrato / Olga
Borelli. — Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1981.

1. Lispector, Clarice, 1924-1977 I. Título

81-0226

CDD - 928.699
CDU - 92 Lispector, C.

Ao Leitor

Este é um depoimento onde procurei tornar explícita certas características pessoais que não dizem respeito a uma biografia, mas a particularidades que constituem o que se poderia chamar de 'trajetória espiritual' de Clarice Lispector. É uma visão sintética do que seriam as linhas marcantes de sua vida, apreendidas através de episódios por vezes insignificantes, mas que se constituem em fonte de informação para aqueles que desejam conhecer um pouco mais da sua personalidade.

Para esse trabalho contribuíram os fragmentos inéditos de Clarice, como também a numerosa correspondência que manteve com as irmãs Elisa Lispector e Tania Kauffman.

A Diva Pessoa de Souza, que colaborou na revisão dos textos, o meu agradecimento.

Olga Borelli

Sumário

A
Pedro e Paulo Gurgel Valente,
filhos de Clarice,
meus amigos.

Por fora e por dentro, 9

Frente ao ato de escrever, 63

O cotidiano, 89

Algumas cartas, 101



Está bem, está bem: eu cedo e vou te contar uma história como naquela vez que você me ouviu e adormeceu tranqüilo: Sim?

Assim: era um dia eu.

*Nasci de um choque entre não e sim. O que sou hoje são milhões de anos-luz. Eu, que já fui incandescente.**

Ela possuía a dignidade do silêncio. Seu porte altivo era todo contido e movia-se pouco. Quando o fazia, era como se estivesse procurando uma direção a seguir; então, encaminhava-se diretamente, sem desvios, ao seu objetivo.

Para quem pensa, é tão engraçado ter também um corpo. Tudo me toca — vejo demais, ouço demais, tudo exige demais de mim.

O cabelo era louro-dourado, muito fino e sedoso, as orelhas pequenas. Os olhos tinham o brilho baço dos místicos. Pareciam perscrutar todos os mistérios da vida: profundos, serenos, fixavam-se nas pessoas como se fossem os olhos da consciência, e ninguém os agüentava por muito tempo, tal a sua

* Os textos grifados são de autoria de Clarice Lispector. (N. do E.)

Por Fora e Por Dentro

intensidade. O olho esquerdo tinha uma expressão de inquietante expectativa.

Os lábios, de rebordos bem definidos, eram perfeitos e em harmonia com o contorno do rosto, de maçãs ligeiramente salientes. O nariz, quase imperceptível na serenidade meditativa do conjunto. Mas possuía narinas que se dilatavam nos raros momentos de 'cólera sagrada', como costumava definir suas zangas.

A voz soava grave e profunda. Quando irritada, emergia rascante, em estranha autoridade, dotada de algo que infundia respeito. Tinha um pequeno defeito de dicção: arrastava nos erres por causa da língua presa.

Que esforço eu faço para ser eu mesma. Luto contra uma maré de mim.

A mão esquerda era um milagre de elegância. Muito móvel, evolucionava no ar ou contornava os objetos com prazer. No trabalho, ágil e decidida, parecia procurar suprir as deficiências da outra, dura, com gestos mal controlados, de dedos queimados, retorcidos, com profundas cicatrizes. Um dia, adormeceu fumando; acordou no meio das chamas e tentou apagar o fogo com as mãos. Queimou-se gravemente. Sofreu muito durante longo tempo.

Cumprimentava às vezes com a mão esquerda. Talvez por pudor, receosa de constranger as pessoas, dirigia-se a elas com economia de gestos. Alguns de seus manuscritos eram quase ilegíveis. Assinava com bastante dificuldade, mas utilizava ambas as mãos para datilografar.

*Não quero a complacência da desordem.
E se sou líquida como é líquido o informe, antes*

sou gotas de mercúrio do termômetro quebrado — líquido metal que se faz círculo cheio de si e igual a si mesmo no centro e na superfície, prata que tomba e não derrama, liquidez sem umidade.

Era profundamente feminina, exigia e se exigia boas maneiras. Bem cuidada no vestir, vaidosa, mas sem sofisticação.

A meu modo feminino, também fui moleque de rua.

Nunca saía sem estar maquilada e trajada às vezes com algum requinte: turbante, xale, vários colares e grandes brincos. O branco, o preto e o vermelho eram uma constante em seu guarda-roupa. O batom geralmente era de tom rubro forte; o rímel negro, colocado com sutileza, aumentava a obliquidade e fazia ressaltar o verde marítimo dos olhos. Indiscutivelmente era mulher interessante, de traços nobres e, talvez, inatingível.

Sonhava também que era carregada em triunfo pela multidão — somente por ela ser ela mesma.

° Quanto à afetividade, acreditava que, quando um homem e uma mulher se encontram num amor verdadeiro, a união é sempre renovada, pouco importando brigas e desentendimentos.

...duas pessoas nunca são permanentemente iguais e isso pode criar, no mesmo par, novos amores. Fui amada por alguns e conheço a paixão. Os desejos e as paixões morrem quando são satisfeitos. A vontade é imortal. Eu, que entendo o corpo. E suas cruéis exigências. Sempre conheci o corpo: es-

curidão com súbitas estrelas. Mergulha-se no escuro — e traz-se uma mancha escorrente de espelhos líquidos. Faço grande esforço para não ter o pior dos sentimentos: o de que nada vale nada. E até o prazer é desimportante. Portanto, me ocupo das coisas. Prazer no fundo é o de se coçar.

Ambicionava viver numa voragem de felicidade, como se fosse sonho. Teimosa, acreditava, porém, na vida de todos os dias.

Quero pintar uma tela branca. Como se faz? É a coisa mais difícil do mundo. A nudez. O número zero. Como atingi-los? Só chegando, suponho, ao núcleo último da pessoa.

Estou tentando abrir um túnel na rocha bruta. Eu sei, sei que é penoso. Mas qual é a busca que em si mesma não traga sua pena?

Se uma pessoa se perguntar durante meia hora a palavra 'eu', essa pessoa se esquece quem é. Outras podem enlouquecer. É mais seguro não fazer jamais perguntas — porque nunca se atinge o âmago de uma resposta. E porque a resposta traz em si outra pergunta.

O que é que eu sou?

Defini-la é difícil. Contra a noção de mito, de intelectual, coloco aqui a minha visão dela: era uma dona-de-casa que escrevia romances e contos.

Dois atributos imediatamente visíveis: integridade e intensidade. Uma intensidade que fluía dela e para ela refluía. Procurava ansiosamente, lá, onde o ser se relaciona com o absoluto, o seu centro de força — e essa convergência a consumia e fazia sofrer. Sempre tentou de alguma maneira solidarizar-se e compreender o sofrimento do outro, coisa

que acontecia na medida da necessidade de quem a recebia. O problema social a angustiava.

Sabia o quanto doíam as coisas e o quanto custava a solidão.

São muitos os 'mistérios' que aos olhos de alguns a transformaram em mito. Simplesmente, porém, em Clarice não aparecia qualquer mistério. Ela descobria intuitivamente o mistério da vida e do ser humano; em compensação, era capaz de dissimular o seu próprio mistério.

— Eu não tenho enredo. Sou inopinadamente fragmentária. Sou aos poucos. Minha história é viver. Sempre vivi com o meu individual perigo. O individual de cada pessoa não significa a massa.

Quando a conheci, estava perplexa com a multidão de coisas que exigem explicação e exibem sua mensagem sem deixarem qualquer indício do seu significado. Continuou assim até morrer.

Eu me uso como forma de conhecimento.

Minha vida começa pelo meio como eu sempre começo pelo meio, aí vai o meio. Depois o princípio aparecerá ou não.

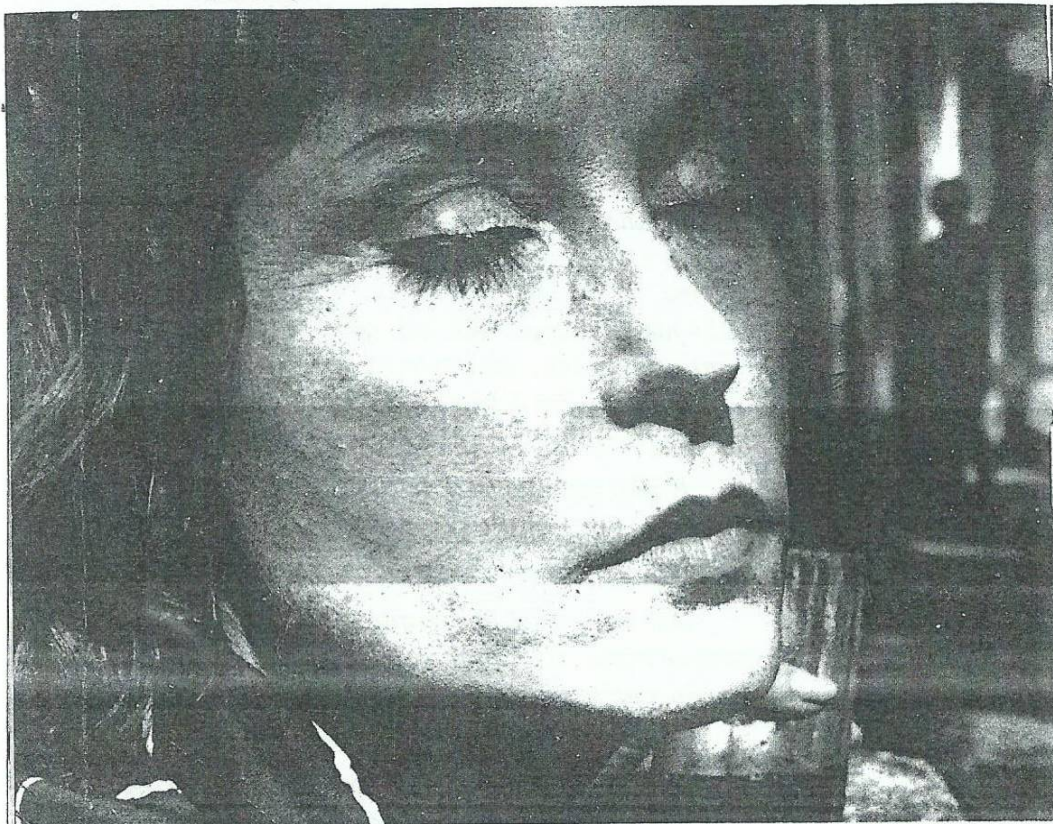
É mês de outubro.

O ano está com um sol em ocaso.

No que precede o acontecimento — é lá que eu vivo. Espero viver sempre às vésperas. E não no dia. O presente só existe quando ele é lembrança e só existe quando vai ser.

Estive à beira de compreender o tempo, eu senti que sim. Mas logo em seguida ao leve vislumbre, tive uma espécie de medo de penetrar sem nenhuma lógica na matéria que me pareceu de súbito sagrada:

Não esquecer: hoje é agora. Ressoam os tambo-



res anunciando o sem-começo e o sem-fim. Abrem-se as cortinas. Eu sinto que a realidade é tridimensional. Por quê? Não consigo explicar. O que sinto é no sem-tempo e no sem-espaço. O tempo no futuro já passou.

É fascinante lembrar-se. De repente o passado é uma coisa que ainda vai acontecer, só que já se prevê tudo o que vai acontecer. Lembrar-se: às duas horas da manhã desci do avião para escala em Manaus e depois de novo subir. Na base aérea estaquei atônita: o que respirava lá não era normal, por Deus, devia ser algum óleo gosmento. Eu não conseguia respirar e atravessando meu peito uma bruta mão forçava a encostar o estômago nas minhas costas. Era o sétimo elemento: o calor que se interpunha entre mim e a água salvadora. Eu só sei viver as coisas quando já as vivi. Não sei viver, só sei lembrar-me.

Não fazer nada é uma grande ocupação. É como estar no cosmos. O tédio prolonga o tempo. Sem falar que no tédio se tem tempo de puramente viver e apenas viver. O tempo é o sentido das horas e da vida. Para senti-lo, é preciso se purificar no nada. Ou não é tédio? Talvez seja a vazia meditação que parece com a prece sem palavras nem sequer apenas mentalizada. É o silêncio. Há um silêncio interior que leva ao êxtase tão puro que prescinde de divindades. Eu conheço o seguinte: estar plena do nada. Isso é resultado de uma longa e penosa aprendizagem.

Agora, enfim, eu não adoro. Eu sou o que é e isso não pede adoração.

Nada começou e nada terminará. Inclusive não existe a palavra 'sempre' pois ela se refere a 'tempo' e 'tempo' só existe em nós referindo-se a uma coisa se transformar em outra. (A essa transformação cha-

mamos tempo.) Mas o tempo em si não é. O tempo é o indefinível. Eu me coloco bem depressa no tempo, antes de morrer. A vida é muito rápida, quando se vê se chegou ao fim. E ainda por cima somos obrigados a amar a Deus.

Sua solidão foi conseqüência da liberdade maior a que sempre aspirou. Fazia o que queria quando queria. Não era um ser fechado, amargurado, como se divulgou. Dava declarações, quando as sabia indispensáveis, e se deixava fotografar. Quando abordada, mostrava-se atenciosa, e invariavelmente convidava as pessoas para a visitarem.

Achava-se preguiçosa e impaciente. Irriquietíssima. Mas foi solícita com os filhos, com os amigos e com os bichos.

Somadas as alegrias e as tristezas, sucessos e insucessos, amores e desamores, os que a conheceram mais de perto sabem que foi uma mulher que viveu plenamente. Isso não a impedia de muitas vezes dizer que era terrível ter nascido, isto é, ser irrevogavelmente atraída, sem o ter querido, a uma poderosa corrente de energia — a vida — que destrói o que arrasta consigo. Tinha medo do futuro, misterioso e sempre novo, para o qual se sentia impelida, como também da ameaça constante que paira sobre tudo o que é vivo. Tinha, em resumo, medo do desconhecido e da morte. A preocupação com o desconhecido habitou sua vida e é tema recorrente em sua obra.

- Eu não sei resumir minha filosofia de vida em palavras.

Vida é o desejo de continuar vivendo e viva é aquela coisa que vai morrer. A vida serve é para se morrer dela.

A extrema felicidade se parece tanto com a infelicidade. Ambas são tão dramáticas. Ambas são a vida.

Minha salvação está no segredo. E tudo o que eu falo é para dizer nada. No meu núcleo secreto eu respiro. E minha respiração é só o que eu tenho. Calo-me. Porque não sei qual é o meu segredo. Conta-me o teu, ensina-me sobre o secreto de cada um de nós. Não é segredo difamante. É apenas esse isto: segredo.

E não tem fórmulas.

Viver, afinal de contas, é entre dois nada: antes do nascimento e depois a morte.

Por que vivo? É porque vivo. Por que vives? É porque vives. Isso explica tudo? Não, porque o tudo é tudo por ser tudo.

Eu não sabia e ainda não sei viver.

- O que me atormenta é que tudo é 'por enquanto', nada é 'sempre'. Era o meu sonho ter várias vidas. Numa eu seria só mãe, em outra vida eu só escreveria, em outra eu só amava.

Acho que a gente luta tanto para produzir uma obra de arte só para sobreviver. Por que será que a gente luta tanto para poder produzir uma obra de arte?

- Acho que é para sobreviver.

Eu procuro alcançar alguma coisa que não sei o que é. Algumas pessoas acham que a procura dura o tempo de uma vida. O ser humano nunca descobrirá o mistério.

Voltar atrás, desdizer o que vivi.

Às vezes o que nos salva a alma são os vícios.

No mundo me sinto tonta como se tivesse girado muitas vezes em torno de mim e caísse em vórtice no chão. É por causa do seguinte: que se imagine um grosso dicionário com o significado de todas as palavras, mas que estas não estivessem postas em ordem alfabética, e de repente no x se encontrasse um m ou um a e para achar a palavra 'ardente' só por acaso. Tudo está ali, bem sei. Mas como procurar e achar? Encontra-se apenas o que se acha e não o que se procura. Agora estou comparando minha vida com esse dicionário caleidoscópico: só acho nela sentidos se o acaso me der. Sei que há em mim e em torno de mim significados. Mas como achá-los? Como procurá-los? Quero saber o meu sinônimo e nem mesmo a palavra que teria o meu sinônimo eu não posso procurar. E a vida é curta demais para eu ler todo o grosso dicionário a fim de por acaso descobrir a palavra salvadora.

Me justificar mais do que a vida? No mundo das coisas, quando sei que elas vão acabar, começo a fruí-las.

Tenho medo de estar viva.

O mundo inteiro teme a própria vida. A morte é a coisa que não é nossa. Mas a vida, a vida é, e eu morro de medo de respirar.

Que impaciência com a própria vida. Tenho que ter paciência para salvar a vida.

Até a coisa morta tem um instante em que ela reverbera os raios da vida. Eu soube que uma formiga é capaz de carregar um volume cem vezes maior do que o seu próprio peso. E eu que não agüento a alma de meu próprio peso.

Quase todas as vidas são pequenas. O que alarga uma vida é a vida interior, são os pensamentos, são as sensações, são as esperanças inúteis. A esperança vale na hora mesma em que é esperança, quase prescindindo de sua realização. Esperança é como o girassol que à toa se vira em direção ao sol. Mas não é à toa: virar-se para o sol é um ato de realização de fé. O que alarga a vida de uma pessoa são os sonhos impossíveis. Os desejos irrealizáveis. E são tão fortes essas esperanças e desejos que a pessoa cai e quando vê está de novo virada para o sol inatingível. Porque a flor tem perfume não é para quem, e para nada: é um dar-se de graça. Como a esperança. A esperança visa a própria esperança. A esperança é um acontecimento em si.

Não mato porque não quero perder minha vida. Mas também porque quero me banhar na retida vontade de matar. Retida, sim, e por isso mesmo mais violenta — sou obrigada a ter como só meu o gosto supremo de querer matar e o gosto de viver sob a extrema tensão de arco-e-flecha retesados. E que não disparam.

Mas disparam para dentro. E então — êxtase.

— Você acha que a vida é boa?

É bom ser. Mas só isso.

Sempre conservou o mesmo temperamento meditativo e concentrado. Não era de fazer 'pose'. Calada, dizia que de fato "só entendia e só podia ser entendida telepaticamente."

Eu tenho medo de ser quem eu sou.



Há um silêncio total dentro de mim. Assustome. Como explicar que esse silêncio é aquele que chamo de o Desconhecido. Tenho medo Dele. Não porque pudesse Ele infantilmente me castigar (castigar é coisa de homens). É um medo que vem do que me ultrapassa. E que é eu também. Porque é grande a minha grandeza.

↙
Era sensível e de uma agressividade tímida.

• *Passei a minha vida tentando corrigir os erros que cometi na minha ânsia de acertar. Ao tentar corrigir um erro, eu cometia outro. Sou uma culpada inocente.*

Maternal para com os outros. Consigo mesma, rude, exigente, mergulhada numa espécie de auto-análise perpétua, em que se investigava severamente como se duvidasse ora da própria identidade ora da existência real do mundo que a cercava.

Era imprevisível e intuitiva, isto é, sentia concretamente mais do que pensava abstratamente. Contudo, pensar, para ela, era sem esforço. Difícil era obter o silêncio. Ansiava colocar-se no vazio onde tudo acontece, sobretudo a percepção da plenitude. Insone com muita frequência, inúmeras madrugadas telefonava para os amigos, com quem se confessava angustiada e tensa.

Quando não consigo dormir, dou a noite por encerrada, esquento café e tomo.

Eu estou sempre incompleta.

Lembro de seu pudor com relação à publicidade fácil e à mitificação. Estranhava o fato de ter se tornado famosa, de ser conhecida por muitos. E, em geral, negava-se a discutir o conteúdo de suas obras.

Como posso subir, senão aceitando antes a minha miséria humana?

A popularidade sempre a afetou muito. Desagrada-va-lhe a bajulação. Afligia-se com tudo que a expusesse. Sempre que isso acontecia em excesso, evitava cuidadosamente encontrar qualquer pessoa e ficava sem escrever por longo tempo.

Infelizmente não pude ir a São Paulo por motivo inesperado de força maior. Mas peço a alguém que leia alto o meu depoimento sobre meus livros. É que prefiro não falar sobre minha obra porque não sou uma entendida dela. Quando escrevem sobre ela coisas muito bonitas, leio tudo com interesse e respeito, mas fico espantada com a relativa importância que me dão.

Escrevo simplesmente. Como quem vive. Por isso todas as vezes que fui tentada a deixar de escrever, não consegui. Não tenho vocação para o suicídio.

Um jornalista me perguntou: Por que é que você escreve? Então eu lhe perguntei: Por que você bebe água?

A honestidade é muitas vezes uma dor.

Este ano está havendo muito movimento em torno de mim, Deus sabe por quê, pois eu não sei.

1) A Colóquio Letras¹ me pediu um conto; 2) a revista literária argentina Crisis, considerada talvez a melhor da América Latina, me pediu uma entrevista; 3) Manchete me entrevistou; 4) um jornal de São Paulo me entrevistou; 5) Bogotá² me convidou; 6) estudantes da Faculdade de Comunicação de São Paulo estão rodando um filme sem caráter comercial baseado num romance meu, Uma Aprendizagem; 7) a TV Globo programou para janeiro que vem um 'especial' adaptado de um conto meu³; uma revista me convidou para eu fazer uma seção crítica de livros (não aceitei porque não sou crítica, e porque queria evitar a 'badalação' de meu nome ficar regularmente em foco); 8) fui convidada a ir à cidade paulista de Marília para um debate com universitários; 9) muita gente desconhecida me telefona, ainda mais do que antes, para conversar e às vezes se confessar; 10) vou ser convidada pelo professor e crítico Affonso Romano de Sant'Anna para conversar com os alunos da PUC sobre minha experiência em relação à criação; 11) fui representante brasileira num livro de contos de vários escritores da América Latina; acho que deviam entrevistar os escritores novos, há muito bons e que têm muito a dizer; 12) Júlio Cortázar me mandou um recado dizendo que gostaria de me conhecer; 13) saíram várias traduções de livros meus (mas ganho pouco); 14) Marília Pera, no seu show individual diz frases minhas tiradas de Água Viva; 15) duas revistas brasileiras publicaram contos meus, sem falar que no fim do ano passado Benedito Nunes escreveu um livro me interpretando.

1. Revista literária publicada em Portugal.

2. Para um congresso internacional de literatura.

3. O conto é "Feliz Aniversário".

Isso me deixa um pouco perplexa. Será que estou na moda? E por que as pessoas se queixam de não me entender e agora parecem me entender?

Uma das coisas que me deixam infeliz é essa história de monstro sagrado: os outros me temem à toa, e a gente termina se temendo a si própria. A verdade é que algumas pessoas criaram um mito em torno de mim, o que me atrapalha muito: afasta as pessoas e eu fico sozinha. Mas você sabe que sou de trato muito simples, mesmo que a alma seja complexa. O sucesso quase me faz mal: encarei o sucesso como uma invasão. Mesmo o sucesso quando pequeno, como o que tenho às vezes, me perturba o ouvido interno.

Assim, sempre se recusou a ser 'importante'. E o sucesso jamais a transtornou.

Se eu fosse famosa, teria minha vida particular invadida, e não poderia mais escrever. O autor que tenha medo da popularidade, se não será derrotado pelo triunfo.

Nunca conviveu com os críticos. Não agradecia os elogios, a fim de deixá-los livres para falar mal, se quisessem, de seus livros. Também, por nenhum meio, nunca se defendeu quando a atacavam.

Se, porém, alguém dizia, pensando lhe agradar, "você não precisa mais escrever, você já faz parte da literatura brasileira", encolerizava-se.

Mas que inferno, e eu lá desejo entrar em alguma literatura do mundo? O futuro já é passado, não me interessa mais. Ou estão pensando que eu escrevo para criar alguma notoriedade?

Havia nela falta de orgulho. Não se considerava inteligente, apenas sensível. Dizia-se ignorante demais para ser intelectual. Não era literata. Não vivia no meio de livros, tampouco de flores e aves, como pessoas que não a conheciam ousaram dizer. Ficava agradavelmente espantada quando a consideravam engraçada e lhe revelavam que 'morriam' de rir com certas coisas que ela dizia. E contava:

Já me disseram que o que me salva é uma boa gargalhada.

Mesmo quando alegre, em festas, por exemplo, havia sempre por parte dela e a despeito dela, um certo afastamento. Quem a observasse então, teria a impressão de alguém em intensa conversa consigo mesmo.

Humorismo é uma das coisas mais sérias do mundo. E eu que imaginei fazer música de brincadeira.

Mostrava riso fácil quando provocada. Mas a piada tinha de ser inteligente e bem contada. A ironia, delicada, extremamente sutil, transparecia tanto em seus textos, quanto em conversas informais.

Minha energia é alegre.

Tomo cuidado para não dar curto-circuito.

Abominava a rotina e os afazeres domésticos causavam-lhe tédio.

Tem que haver sinos na minha vida! Multidão de sinos reboando maravilhas no oco do ar; assim: badalão! badalaão!

Esses sentimentos, no entanto, deixavam-na desamparada, sem um ponto de referência em relação aos outros. O não cumprir os rituais estabelecidos a inquietava.

Embora desempenhasse as funções de dona-de-casa admiravelmente — havia uma organização metódica nos seus afazeres, que se repetiam na mesma seqüência durante sete dias consecutivos —, fatigava-se e impacientava-se por ter de exercê-los. Mas nunca se negou a enfrentá-los. Às vezes, porém, caía em tão profundo abatimento que se refugiava num hotel a fim de quebrar a rotina.

Parecia então criar raízes em plena bruma, uma bruma nascida das coisas que tinha dentro de si.

Eu entro no sono como numa iniciação.

Como que sua sensação era a de estar terrivelmente acordada. E pensou em pânico: irei ficar acordada para o resto de minha vida?! Porque tinha a impressão de que nunca — nunca mais iria dormir.

Eu durmo logo, logo que me deito só por medo da insônia. Só considero meu sono enquanto durmo.

Enigmática, severa, secreta, dura como uma guerra santa — entrei no sono para sonhar com a verdadeira vida. Que é um mistério de vida, uma flor. Uma flor que nada espera de nada. Não esperar nada também é um modo de viver. Assim, antes de cair na pétala do sono, revi mentalmente as cadeiras empoleiradas umas nas outras. Fora um dia igual aos outros.

Acordou-se e era dia. Mil vezes nesse dia se sentiria frustrada. Várias vezes sentiria algum bem-estar, pelo menos uma vez se sentiria para sempre perdida. Inúmeras vezes entraria em labirintos sem

saber como sair — enfim, era mais um dia como outro qualquer.

É de madrugada. Estou pela frente com um dia inteiramente vazio. Mas estou pronta para me acontecer. Um dia vazio de fatos me dá oportunidade de aparecer para mim mesmo. Ah, já sei: vou ligar o rádio e me ouvir os outros tocando música. É isso mesmo: música é tão importante para mim que, quando a ouço, é como se eu fosse o intérprete. Tenho através dos outros uma voz belíssima. E não existe ninguém que me toque melhor a flauta-doce.

Seu dia passava-se mais ou menos assim: acordava entre três e cinco da manhã. Levantava-se, colocava um robe de chambre bem usado (quanto mais velho mais confortável), ia à copa, onde sempre havia uma garrafa térmica com café. Tomava uma xícara acompanhada de biscoitos e queijo, acendia um cigarro, passava para a sala, onde se recostava no sofá, com Ulisses, seu cão de estimação, a seus pés. Tão denso era o silêncio nessa hora que o estalido de uma fagulha de cigarro fazia o animal retesar as orelhas atentamente.

Ela levava setenta e três anos de idade para que, num domingo, precisamente às quatro e trinta e cinco da tarde, apoiasse o queixo no punho cerrado da mão e afinal como se falasse alto o seu pensamento dissesse o seguinte:

É. A vida é isto mesmo.

E só um grande filósofo a teria compreendido.

E se mais lhe perguntassem sobre o que fazia, responderia:

— Pensar. Há tanto tempo penso que até já perdi o prazer de pensar.

Depois, a madrugada ia tornando a sala mais clara, as coisas se deixando ver mais nitidamente.

Na semi-obscuridade as casas brancas adormecidas. E eu, lâmpada acesa, a vigiar. E as casas semi-acordam, dormentes.

Erguia-se então, como em sobressalto, levava a mão ao coração — gesto seu habitual — pensava um pouco, consultava a agenda, e entrava num verdadeiro frenesi: roupas, meias, sapatos, bolsa, maquilagem.

Quero saber se pode uma pessoa determinar assim: hoje vai ser um dia importante na minha vida. E concentrar-se tanto que o sol viria de sua alma e as galáxias rodopiar-las lentamente e mudas.

Não é jogo de palavras e sim a verdade: o estado de estar alerta costuma me hipnotizar e durmo de olhos abertos.

Quando saía, voltava exausta; sentava-se, acendia um cigarro e revia tudo o que tinha feito, fazia contas, acrescentava novas atividades em sua agenda. Uma coisa, porém, nunca anotou: escrever.

Quase tudo não é verdade — é apenas hipótese de trabalho.

Os rituais eram as minhas muletas de aleijada. Mas eis que resolvi jogar para longe de mim, e se perderam no espaço infinito de Deus, as muletas. Morri de medo de cair e nunca mais poder me levantar. Como viver sem os rituais da vida? Sem os hábitos? Então, de dentro de meu medo, surgiu-me uma mulher de pé sobre as duas pernas, e esta

mulher era eu — eu sozinha. E foi sozinha que dei os primeiros passos. Trêmula de medo diante de minha ousadia e solidão. Então resolvi criar em mim a nudez. E uma certa luz de verdade nasceu em mim. Não sei dizer qual era a verdade. Era apenas luz de visão, apenas, mais para mim mesma suportável.

Mas senti que a minha espécie vai ser extinta. O que eu quero e não sei bem o que é — não é encontrável no mundo excessivamente sonoro e pululante.

Contrastes: apesar de incapaz de um ato de violência, só assistia a filmes fortes. Os de crime exerciam atração muito grande sobre ela. Dizia que gostava tanto de cinema que se pudesse iria todos os dias. Apreciava o romance policial. Principalmente os de Georges Simenon.

Eu infelizmente não sou grande leitora. Não tenho paciência de ler ficção.

Quando em 1976 recebeu o prêmio pelo conjunto de obras da Fundação Cultural do Distrito Federal, ficou contentíssima. Não o esperava. Mas, em seguida, fez questão de declarar: achava injusto ganhar tanto dinheiro (na época, 70 mil cruzeiros) quando milhões de crianças passavam fome.

Ao ser questionada por que não fazia uma doação a essas crianças, respondeu que não a fazia porque sabia que os adultos ficariam com o dinheiro.

Mas quem sou eu, meu Deus, para mudar as coisas?

Na sala de seu apartamento sombria e nada extraordinária — havia algo que sobressaltava a pele, algo que continha uma intimidade envolvente e familiar.

Havia um olhar do ambiente da sala para mim. Sentia esse olhar como conforto misterioso.

Ali, a gente procurava sentar nas beiradas das cadeiras e surpreendia-se a evitar o toque das jarras de flores e a beber com cautela um copo d'água. Nas paredes, muitos quadros, inclusive seus retratos, feitos por De Chirico, Ismailovitch, Carlos Scliar, fotos em várias idades, mostrando sempre a mesma fisionomia, os mesmos traços.

Este é um castelo de pedra maciça. Mas sua aura é um nimbo de aluarada lua leve.

Como a janela dava para os fundos de outros apartamentos, não via ninguém e sentia-se 'legalmente' desconhecida. Era um refúgio.

Agradeço a Deus ter uma casa, um quarto, uma cama, eu. Noto que do lado (casa, refúgio contra o mundo) fui afunilando minha proteção até atingir o vértice: eu.

'Eu' é o meu último refúgio. É lá, nele, inclusive, que encontro a imagem dos outros. Também porque, destroçada, reduzi-me a um eu. Só eu é que me recebo.

Acendia um incenso, uma vela, colocava um disco na vitrola: em geral Bach, Beethoven, Stravinski ou Debussy. Sentava-se, acomodava a máquina no colo e datilografava diligentemente uma tra-

dução ou prosseguia um conto interrompido dias antes. Nesses momentos a criação era febril, nada nem ninguém quebrava o encantamento. Nunca vacilava numa frase, a 'inspiração' vinha num ímpeto avassalador e as folhas em branco eram preenchidas com sofreguidão; parecia que, com o movimento das mãos, tentava alcançar a vertiginosa rapidez do seu pensamento.

Minha ação é a das palavras.

Às vezes interrompia tudo e ficava horas mergulhada em meditação. Por outro lado, também sentia necessidade de uma disciplina exterior, que lhe facilitasse o cumprimento da rotina inevitável.

O presente se justificava porque havia um futuro. Sempre a eterna pergunta: e agora? e depois?

Ficava horas embevecida no que iria fazer no dia seguinte. Era com euforia que falava em viagens, almoços, compras de aniversário e Natal. Sempre se iluminava quando falava no futuro.

Perspectivas

1. Não pensar pessimisticamente no futuro.
2. Só atravessar a ponte quando chegar a hora.
3. Paulatinamente fazer o livro sem pressa.
4. Apaixonar-se pelo livro.
5. Aprofundar as frases; renová-las.
6. O autor fala, em vez de 'Deus', outra escuridão.
7. Só Ângela⁴ fala em Deus.
8. Não deixar *personne* me dando des ordres.

4. Personagem de *Um Sopro de Vida*, publicado em 1978 pela Editora Nova Fronteira.

9. *Ser tranqüila consigo mesma.*
10. *Não achar que uma situação é irremediável.*

11. *Em todas as frases um clímax.*

Cada um vive atordoadamente a própria vida. E se a esse alguém fosse perguntado em que ponto da vida estava, responderia numa mistura de sensação de tapa-na-cara e descaso e desaforo e impaciência: "O quê? minha vida? E eu lá sei?"

- Sentia extrema necessidade de disciplinar as atividades do dia-a-dia. Talvez isso possa ser visto como a contrapartida do outro lado de sua vida: o vazio em que se instalava, na busca de um sentido que justificasse e explicasse os mínimos gestos, que transfigurasse a banalidade dos acontecimentos miúdos de que sua existência cotidiana era feita.

É assim que se pode falar de uma certa dimensão mística presente em alguns textos seus. Sem qualquer vinculação religiosa explícita, dava a impressão de sempre se achar em estado de questionamento: Deus, morte, matéria, espírito, eram objeto de interrogações, de perplexidades, que nem nas conversas ela deixava de expressar. Em suas 'descobertas' — sempre anotadas — procurava nunca dissociar os extremos: bem e mal, amor e ódio, divino e diabólico. Tinha horror ao maniqueísmo: preferia sofrer no âmago de perguntas sem resposta a impor um dogma que anulasse seu contrário.

É impossível chegar a uma definição de suas crenças religiosas, pois as tinha. O que fica é o nítido traçado de seu itinerário espiritual, cujo melhor testemunho é o seu Texto.

Fiz o que era mais urgente: uma prece.

Eu só rezo porque palavras me sustentam. Eu só rezo porque a palavra me maravilha.

Quem reza, reza para si próprio chamando-se de outro nome. A chama da vela. O fogo me faz rezar. Tenho secreta adoração pagã de flama vermelha e amarela. A vida seria insuportável sem o sonho. É que às vezes não se tem mesmo mais nada e só restam os brandos e profundos sonhos que mais parecem uma prece. A realização está no próprio ato de apenas sonhar.

É preciso ter muita coragem para ir ao fundo da vida. Porque no fundo da vida nada acontece ao homem, ele só contempla. Nem sequer pensa no que contempla. Quando eu fico sem nenhuma palavra no pensamento e sem imagem visual interna — eu chamo isso de meditar. O silêncio é tal que nem o pensamento pensa.

Um modo de cair em êxtase. Se eu leio isso três vezes em seguida caio em êxtase.

Deve-se ter contacto com o Desconhecido sem uma palavra, nem sequer palavra apenas mental, assim como um mudo 'fala' com a intensidade do olhar.

- Questionando-a certa vez sobre o 'querer acreditar', argumentei: para cada carência deve existir o que a satisfaça. Se existem os pés, existe o caminhar; se existe a fome, existe o alimento; se existe um sexo, existe a relação com o outro sexo. E não se nega água a quem tem sede. Para o ouvido existe o som, para os olhos existe o que ver. Mas se existe o vazio, o que é que lhe responde? Até para a necessidade doentia existe o vício. Mas o que preenche o vazio? O sem-nada? Será resposta lutar e buscar? Buscar o quê e como?

A arte é a busca de uma realidade sonhada. Cada vida tem sua arte. Então quer dizer que é no buscar que se repleta o vazio. Mas existe uma ilusão sempre renovada: quando a busca encontra, nasce outro vazio.

Penso e sei que vou ao encontro do que existe dentro de mim, vou a esse encontro nua e descalça e com mãos vazias, à mercê de mim mesma. Só eu, que encarno Deus, posso me plenificar. Plenificar na pobreza de espírito.

Só a necessidade que eu tenho me justifica. Que seria de mim se eu não precisasse? Que seria de meu corpo se não houvesse o aviso da fome? Que seria de mim se eu não houvesse o futuro? Que seria de mim se eu não precisasse de Deus?

Só a falta me justifica uma Busca jamais atingida. Mas enquanto isso, hoje é hoje.

Minha necessidade me informa.

Senti de repente uma solidão altíssima.

Aquela em que se quer inventar Deus e não se consegue.

Só me enganando que existe Deus é que consigo viver. Se não fosse a fé inexplicável pelo Desconhecido, o desespero me destruiria. Eu finjo que existe 'Deus' para agüentar o inexplicável através do inexplicável.

Estou desarmada, frágil, abandonada — e há esperança. Esperança em quê? No encadeamento orgânico de um absurdo se encaixar em outro absurdo, este preso por um elo forte a mais outro absurdo até chegar ao Absurdo: um Deus. Mas não existir um Deus seria inventar a hipótese absurda de sua inexistência. E tudo é causado por outra causa. A primeira — como é que apareceu?

De repente, eu vi que não estava livre. Engratada e condicionada. Então com veemência disse-

me: eu não creio em Deus e não creio nos homens. Senti que os grilhões que me prendiam estavam soltos enfim e toda alegre eu estava só e nua. Era uma solidão gloriosa e de vitória e era uma nudez de última libertação.

Foi então que pensei em Deus. E aceitei-O. Mas como mulher livre. A nudez, porém, não desapareceu, eu não quis mais acumular sobre minha pele-única-vestimenta nenhuma pressão. Meu drama é que sou livre.

Talvez só se possa acreditar completamente no que não se pode ver. Dentro de mim há o irreconhecível.

Quero saber o que acontece quando não acontece nada. Qual é o oposto de acontecer? Sei que não é 'não-acontecer'. Acho que vem o indizível.

O pai, Pai de Todos, dizia que o ditado "cada um por si e Deus para todos" estava errado. Que era assim: "Cada um por si e Deus por ninguém". Pois havia galáxias infinitamente para esse Deus cuidar.

A idéia de Deus fascinava-a, portanto. Sentia-O como força avassaladora que trazia consigo o bem mas também desespero e terror. Cristo, na perfeição de sua palavra, assustava-a.

Quando, um dia, lhe perguntei — o que é Deus? — respondeu por escrito:

— Deus significa o alcance do si-mesmo para o sem matéria. Deus significa o encontro de si-mesmo com o próprio mistério de si. Mas o estado de ascese pode viver sem Deus: é quando mais perto me acho do Deus renegado.

Deus significa o apuramento do sonho, significa a capacidade de uma pessoa de se livrar do peso do si-mesmo. Minha abstração de mim é Deus. Que



Deus só é compreensível se a gente descobrir que Ele pensa em termos de milênios em matéria de tempo ou mesmo do infinito. Quanto a pessoas, Ele talvez só veja o nosso protótipo e não cada um de nós que é uma repetição do protótipo.

Talvez não caiba a Ele nos procurar. Cabe a cada um de nós sorver dele uma misericórdia que Nele é impessoal e matemática. Nós temos o poder de transformar essa misericórdia em alma nossa. Ele criou o tipo e nos largou com ele.

'Deus' é o que o dicionário não explica. Deus dificulta demais o nosso amor por Ele. Como pedoá-lo se tudo nos é tirado? Um Deus que me faz triste — devo amar esse Deus que talvez não passe de um 'deus'. Isto é: nada. Tenho que amar o Nada. É difícil esse diálogo de surdos. Como te amar, Deus, se fizeste de mim um simples 'isto'.

Também não sou nada.

Tu és com letra maiúscula NADA. A Tua dor deve ser grande demais e Tua solidão — bem, Tua solidão eu não invejo. Mas pelo que sinto de solidão afinal, imagino a Tua. Tua vida na terra deu errado. Simplesmente não funcionou. Que fazer então? Será que Deus também reza? E o que pede Ele? Que peço eu? Peço a palavra. A palavra dita. A única palavra por que se espera. Eu, condenada a viver.

Eu chamo Deus porque não sei o que chamar nem como chamar. Deus não é o princípio e não é o fim. É sempre o meio. Deus não pensa, age diretamente. Deus é uma forma de ser? É a abstração que se materializa na natureza do que existe?

Pensar é um ato.

Sentir é um fato.

Os dois juntos — sou eu que escrevo o que estou escrevendo.

Deus é o mundo.

O natural é o maior mistério que existe.

Nada é mais solitário que fazer um chá para si mesma. Hoje preparo de leve um chá para mim. O chá termina sendo agasalho. Eu o bebo e ele me é. Sendo-me ele, então não estou mais tão só.

Havia épocas em que, resolvida a sair da solidão, decidia comunicar-se com o mundo exterior. Repintava as paredes de branco, colocava folhagens pela sala toda, mandava polir os poucos objetos de prata, o lustre, mudava a disposição dos quadros. Fazia lista de convidados. Retirava do aparador os cristais e os pratos de porcelana que só eram usados em ocasiões especiais, colocava a melhor toalha de linho e encômendava o mais famoso vatapá do Rio (nunca teve boa cozinheira). Acendia a haste do defumador de jasmim, colocava gelo no balde, a garrafa de uísque, a batida de limão, e se torturava à espera dos convidados.

Eu sou uma atriz para mim mesma. Eu finjo que sou uma determinada pessoa mas na realidade não sou nada.

Dizia não ter estilo de vida, um modo de ser social como os outros. Mas não descuidava da hospitalidade. Servia os convidados, sorria, ouvia, participava da conversa. Quando, porém, a reunião chegava ao auge e os convidados se sentiam mais à vontade, retirava-se discretamente para o quarto. Ali, olhava pela pequena janela lateral uma ermida branca emergindo do verde exuberante na encosta de um morro. Era a paz. E ansiava ficar só.

Me canso quando de noite vejo a sala cheia de homens e mulheres. Gosto de poucos atores em cena.

Eu sou uma pessoa que se esgueira da grande cidade.

Eu sou extremamente realista. Mas acontece o seguinte: eu 'adivinho' a realidade mais do que eu a vejo. E esse meu relacionamento de adivinhação com a realidade — é mágico.

E o pensamento? Como é que de um corpo sólido nasce a mais volátil das substâncias que é o livre pensamento? Portanto, 'pensar' é um ato contínuo de magia.

A realidade me parece uma ilusão de ótica. Aliás eu não vivo a realidade, eu sonho com ela. E eu a sonho e ela é impalpável. Criei em mim uma realidade. De vez em quando mudo de realidade. Porque são tantas a escolher. Entre uma realidade e outra — eu sonho uma terceira. A cobra é mais irreal que meu sonho. Como explicar que eu vejo e não acredito?

Eu não vejo a verdade: eu a fantasio.

Sempre que saía à rua, ficava aflita. Se não conseguia táxi, andava dois ou três quarteirões, pelo meio da rua, à procura de um. Não conseguia agüentar fila de espera em bancos, cinemas, e a furava sem cerimônia — e sua ousadia raramente ocasionava protestos.

De volta à casa, após haver feito o que programara, vestia o velho robe de chambre, calçava os chinelos, recostava-se confortavelmente no grande sofá de couro preto da sala, suspirava, em parte por cansaço, em parte de satisfação. Nesses momentos, mostrava-se tranqüila, em paz consigo e com o mundo. Dizia:

Só é bom sair pela alegria de voltar.

Era muito convidada para recepções, às vezes sofisticadas, o que contrariava seus hábitos frugais. Em ocasiões assim, não bebia nada alcoólico, comia pouco. Em geral, não se demorava muito, levantava-se serenamente e, dizendo-se cansada, pois que sempre acordava às quatro da manhã, retirava-se. A vida social a entediava.

Havia, porém, períodos de grande dinamismo: punha-se a fazer ginástica, exercitava-se numa bicicleta ergométrica, passava cremes no rosto, perfumava-se muito. Tomava suco de laranja, de melão ou de morango, dispensando os refrigerantes. Esses períodos vinham acompanhados do desejo de viajar. Examinava então cuidadosamente suas finanças, com a esperança de que houvesse folga para um passeio à Europa.

Ligava para agências de turismo, marcava entrevista, idealizava roteiros e devaneava dias e dias sobre os lugares que visitaria: contemplava paisagens, ouvia o zumbido dos insetos nas tardes ensolaradas do verão da Itália; ou ficava em êxtase, vendo a neve cair e transformar com tons violáceos o que antes tremulava no amarelo-ouro do outono europeu. Via elevar-se a fumaça das chaminés e ouvia a chuva cair pesadamente nos telhados e rolar nas pedras da rua. Caminhava delicadamente pelos floridos jardins de Rosegarten, na Suíça, a caminho do museu com obras de Paul Klee...

Tudo era tão real que, de repente, nada restava para ser visto ou vivido; sobrevinha-lhe uma inelutável preguiça ante a perspectiva de pôr seus sonhos em prática. Exausta, cancelava a viagem.

Nos últimos oito anos de vida, foi duas vezes à Europa. Na primeira, permaneceu um mês, em visita a quatro países; na segunda, ficou apenas uma semana em Paris: quis voltar tão logo chegou.

A última viagem de sua vida levou-a a Recife: o objetivo era o reencontro com suas raízes e suas esperanças. Percorreu aí os lugares que viram o início de sua inquietação, de sua ânsia de liberdade e o desabrochar dos primeiros textos. Sentada na Praça Maciel Pinheiro, no bairro da Boa Vista, olhando o pequeno sobrado onde morara em criança, ouviu maravilhada o velho pregão do vendedor ambulante de frutas: "Ô minina você qué pitomba?"

Sempre se indignou diante do fato de que havia quem relativizasse sua condição de brasileira: nascera na Rússia, é certo, mas aqui chegara aos dois meses de idade. Queria-se brasileira sob todos os aspectos. Sobretudo o literário.

Suponho que é muito tarde agora para eu nascer chinesa. Aliás, examinados os dados e componentes, foi impossível eu ter nascido chinesa.

Viveu no Recife até os doze anos.

Na infância eu tive um cotidiano mágico.

Apesar da tristeza que via em casa, ocasionada pela pobreza e pela doença da mãe, foi menina despreocupada.

Eu era muito alegre e escondia de mim a dor de ver minha mãe assim. Você sabe que só relembrando de uma vez, com toda a violência, é que a gente termina o que a infância sofrida nos deu?

Suas reminiscências não tinham enredo, baseavam-se em percepções momentâneas, e assumiam imagens corretas.

Psicologicamente parece-me que fui muito condicionada. Mas sou livre: minha liberdade é escrever. Foi escolha ao que parece.

Minha liberdade? Minha própria liberdade não é livre: corre sobre trilhos invisíveis. Nem a loucura é livre. Mas também é verdade que liberdade sem uma diretiva seria uma borboleta voando no ar. Mas no sonho dos acordados há uma ligeireza inconseqüente de riacho borbulhando e correndo. O estado de ser. A improvisação como modo de viver. Mesmo as narrativas discursivas têm em si uma liberdade, se não de quebra do condicionamento, mas de improvisação do destino. Como é que se pode aprisionar um instante de beleza? E nem se pode aprisionar a harmonia. Tudo que é mais valioso não passa de um momento rápido — e logo, extinto — de libertação. O que faz a força do romancista é exatamente aquilo que ele inventa em plena liberdade, sem nenhum modelo.

Estou cega pelo desejo de liberdade.

Ser livre — livre de mim mesma, esse mim que foi trucidado pelo excesso secante de idéias.

Quando quero ficar livre, fico sozinha, e nua e sobretudo sem relógio.

Conheceu e viveu dolorosamente a angústia da liberdade. Não saber o que fazer de si mesma foi coisa constante em sua vida. A absorção rápida dos fatos e o mergulho imediato na meditação faziam-na sentir-se marginalizada, e provocavam-lhe profundo sentimento de culpa diante dos que se afainavam nas atividades comuns do cotidiano.

Meu drama: é que sou livre.

Sua primeira experiência profissional se deu como repórter. Trabalhou na Agência Nacional e no jornal *A Noite*, onde era a única mulher. Aí fazia de tudo, exceto as ocorrências policiais e a nota social. No *Diário da Tarde* redigiu uma página feminina, assinada por uma atriz de prestígio na época.

Quase sempre teve de recorrer às traduções para complementar o orçamento mensal. E volta-e-meia se envolvia com jornalismo. Seu último trabalho como tal são as reportagens-entrevistas com personalidades de destaque, feitas para o semanário *Fatos e Fotos*, do Rio de Janeiro.

Estou habituada a uma vida difícil: e a vida fácil me desnorteia.

Ao serem publicados seus livros em outros países, recebia um pequeno adiantamento, mas nunca mais ouvia falar em direitos autorais. Sequer lhe prestavam contas. Mesmo no Brasil, algumas edições foram ao mercado sem o seu conhecimento e conseqüente pagamento de direitos — além dos contos incluídos em antologias, ou em obras didáticas, ou reproduzidos em apostilas, tudo sem lhe render o menor centavo...

Minhas obras estão em livros de universidades, de escolas primárias, por causa dos livros infantis, mas tudo isso ocorre sem a minha autorização e sem qualquer pagamento. Não sei quem edita, e só sei da existência disso por acaso. Foi o que aconteceu com um determinado editor, que publicou um conto meu numa antologia que chegou à oitava edição, sem minha autorização e sem me pagar nada. Ainda por cima, desse conto foi tirada a parte final, o que é mutilação.

Eu quis um dia fazer voto de pobreza. Mas estava enrascada em tal emaranhado social que vi que não poderia. E com vergonha constatei que o que também queria era viver bem.

Escrevia, portanto, para viver, e não para sobreviver. Escrever era a sua vida.

Há homens cujo ponto fraco é serem ricos. Eles não resistiram à tentação.

Em 1944, aos 17 anos, terminou *Perto do Coração Selvagem*, seu primeiro romance. Procurou então o crítico Álvaro Lins e perguntou-lhe se valia a pena publicá-lo. O crítico pediu-lhe que telefonasse uma semana depois. Findo o prazo disse-lhe que não entendera o livro e recomendou-lhe que conversasse com outro crítico, Otto Maria Carpeaux. Ela, porém, não falou com ninguém. Dirigiu-se a uma editora importante: o original foi recusado. Publicou-o assim mesmo; fez um arranjo com *A Noite*: não custeou nada e também não ganhou nada.

A rigor, contudo, seus textos, após a primeira experiência, nunca encontraram dificuldade para serem publicados. O grande problema estava ligado à questão dos direitos autorais. Ela não conseguia mesmo organizar-se e 'administrar' a trajetória comercial de seus livros.

Detesto discutir contratos e quando discuto saio perdendo.

Dizia, quase ingenuamente, que a ignorância do próprio escritor quanto aos seus direitos era a grande vantagem dos editores. E admirava Érico

Veríssimo e Jorge Amado, que, gostava de repetir, conseguiam viver de seus direitos. Considerava-se, no entanto, insultada, quando alguém, ouvindo-a reclamar, perguntava-lhe por que então continuava a escrever.

Sensualidade que é o ter muito dinheiro.

Eu gosto dos humildes. Muitos dizem que preferem a vida humilde. Humildade é fácil para quem tem tudo. O difícil é manter-se pobre de alma quando não se tem nada. Quando não se tem nada, e se consegue a paz, a humildade é substantiva. Na riqueza de vida, a humildade é um adjetivo brilhante e bonito.

Mas bendito seja o que tudo abandona em prol de pelo menos um fac-símile de paz. A humildade de quem tem tudo é abandonar tudo. É preciso ter tudo para poder abandonar tudo.

Eu quero preservar minha humildade. E quero que ao ser humilde eu não tenha a vaidade de ser humilde.

Um dia decidiu: "De hoje não passa". Foi à escrivaninha, que só se abria com uma chave que ela guardava amarrada num lenço. Abriu-a. Dentro misturavam-se a escritura do apartamento, cartas íntimas, contratos, recibos, títulos, e uma infinidade de papéis, manuscritos e algum dinheiro. Colada no fundo do tampo de madeira, uma foto de Greta Garbo. Várias essências de jasmim, rosa e violeta, e um pedacinho de âmbar. Junto a um leque quebrado, algumas correntes de ouro e o anel de formatura em direito, com um rubi, resumiam toda a sua fortuna. Retirou o contrato autoral, conferiu os dados, telefonou várias vezes até conseguir marcar uma

entrevista com a pessoa responsável pela editora em questão. Tomou um táxi e trinta minutos depois estava na sala de espera — o editor fora almoçar com um grupo de estrangeiros. Ao ser atendida, duas horas depois, ficou perplexa: tinha a receber 140 cruzeiros. Era o pagamento de seus direitos autorais de todo um semestre. Na rua, antes de tomar o táxi de volta, deu-os a um mendigo que passava.

Ela ficou tão desamparada. Como sempre acontecia quando ela é colhida por qualquer emoção que sempre a pegava desprevenida.

Por mais que tais coisas a amargurassem, ela, no entanto, não se permitia desacreditar e afastar das pessoas. Nunca deixou de estar consciente que:

A literatura me trouxe muitos amigos sinceros, gente preciosa que se aproximou de mim e me deu o calor de uma amizade completa.

*

Acredito nas pessoas. Esse toque de crença é uma coisa íntima que me guia.

*

Eu tinha que ficar realmente em guarda, porque minha tendência é gostar das pessoas. E até dos meus inimigos, que não considero inimigos.

*

Não quero mais uma vida particular pois quando eu fico muito sozinha, eu não existo. Eu só existo no diálogo.

Por mais que, às vezes, parecesse inabordável, jamais perdeu a delicadeza no trato com o outro. Tinha horror a ser contundente.

Eu digo 'eu' porque não ousou dizer 'tu' e ferir teu sagrado e protetor anonimato. Mas eu sou o és-tu.

Às vezes mantinha-se em silêncio por longo tempo. Sua concentração era tanta que se tinha a impressão de que seus pensamentos iam se transformar em coisas visíveis, palpáveis, com lugar determinado no tempo e no espaço. De repente, porém, dizia:

Estou com muita vontade de comer camarão

e saía em direção a um restaurante próximo à sua casa.

Toda pessoa se sente diferente. Por que não se unem mentalmente ligados pela diferença fazendo da diferença a diferença comum? Será talvez porque amem e odeiem o comum?

Raramente — repito — falava sobre literatura. Claro, não conversava da mesma forma que escrevia. Quando discorria sobre suas preocupações fundamentais, não mudava de tom, nem procurava outro vocabulário. Falava da vida e da morte com a mesma voz com que informava sobre suas cores preferidas...

O único modo de se saber que existe vida depois da morte, é o de acreditar nisso ainda em vida. Eu

queria morrer uma vez e voltar a viver -- só para conhecer o sumo da vida que é a morte.

Meus dias estão contados sem eu saber. Eu queria morrer agora -- já em plena vida -- e depois da morte me lembrar para o resto da vida.

Pensando bem, o que se entende da morte, que nos assusta e causa medo, é ver quanto é necessário morrer.

Deus age em grande escala. Por isso não se preocupa com a morte individual nem mesmo com a coletiva.

Ele só lida com milênios. Os minutos para Ele não contam. Ele atinge o inevitável através de milênios de séculos. E nós -- nós temos uma pequena chama de vida que acende e se apaga. Temos que nos engrandecer contando que nós somos a mais ínfima partícula do Grande Tempo Que Não Acaba.

Deus criou a morte e depois nunca mais pôde consentá-la ou aboli-la: é por isso que a morte é.

A morte existe. Talvez o meu destino último seja o oboé. Com sua pureza e solidão.

Sinto que nós chegamos ao limiar de portas que estão abertas e por medo ou pelo que não sei, não atravessamos plenamente essas portas. Que no entanto têm nelas já gravado nosso nome. Cada pessoa tem uma porta com seu nome gravado e é só através dela que essa pessoa perdida pode entrar e se achar.

O meu 'normal' está aquém de mim.

Fui além de mim e não posso voltar mais.

Não agüento mais os 'bons sentimentos'. Quero ser ruim e me vingiar. Quero entrar em guerra com o mundo. O mundo me vencerá mas pelo menos eu farei uma coisa decente: morrerrei.

O tempo é de grande violência. E as pessoas são distraídas, não sabem que só têm uma vida.

Não existe a tragédia. Ela está implícita. Somos todos conhecidos. A coisa se passa entre um sorriso e outro sorriso.

*

Me dei de repente conta de que eu não presto mais atenção em mim e nos fatos meus. Por isto é que de noite fico intrigada pelo que teria feito ou sentido de manhã. Até o café da manhã eu o tomo automaticamente, como se fosse coisa óbvia.

Esse 'deixar-se levar' é muito menos sofrido. Mas se eu não notar mental e detalhadamente o que estou a cada instante sendo ou fazendo, rebelde ou obediente, perco o aguilhão da vida. Se eu me 'deixasse levar' seria um embalo e uma canção mortal. Não pretendo matar os dias. Ou então: posso me deixar levar sem nada provocar mas prestando uma leve atenção a tudo, viverei em dobro. Deixar-se levar é assim: um dia a pessoa acorda e se vê toda vazia diante -- diante da morte. Os sinos da morte. Saber que vou morrer me dá uma dimensão ilimitada: já não serei tridimensional.

Eu te vivo como se a morte já nos tivesse separado. Tal a saudade que tenho de ti. Eu não choro a minha morte porque afinal eu sou apenas eu. Mas choro a tua morte.

Ah, a tristeza me veio como o som da trombeta que deve soar na hora da morte. O toque de silêncio dirigido aos astros e sóis.

Deus meu! só agora sinto a nossa fragilidade: porque entre abotoar o botão e desabotoá-lo pode-se morrer! Socorro, socorro, socorro. Eu quero duzentos milhões de segundos. Assim não morro.

'Dois e dois são quatro' é uma verdade natural ou é um preconceito? 'Dois e dois são quatro' é uma assombração de asas abertas de morcego na noite ou



Numa passeata, em 1966, com, entre outros, o pintor Carlos Scliar, o psicanalista Hélio Pellegrino, o arquiteto Oscar Niemeyer, o cartunista Ziraldo, a atriz Glauce Rocha e o cantor Milton Nascimento.

é uma realidade básica? Ou dois-e-dois são um pre-núncio do ilimitado sem número? O começo de dois-e-dois é o nada infinito do zero: nada começa e nada termina! Mas eu morro.

Outra quase obsessão de suas conversas: o não saber expressar-se de um modo 'literário' sobre o 'problema social'. Coisa que, de resto, seu romance *A Hora da Estrela* veio desmentir. A verdade, porém, é que tudo o que se refere à questão social sempre esteve presente em sua vida. Ela jamais conseguiu apagar da memória a imagem da miséria nordestina, ou melhor, a pobreza do Recife, principalmente a que até hoje se concentra nos mocambos dos mangues recifenses. Ela própria dizia que os problemas da justiça social despertavam nela um sentimento tão básico, tão essencial que não conseguia escrever sobre eles. Era algo óbvio. Não havia o que dizer. Bastava fazer...

Sem me surpreender, não consigo escrever. E também porque para mim escrever é procurar.

Sempre se considerou concretamente responsável por tudo que existia à sua volta, chegava a se declarar incumbida de cuidar da vida de todos os habitantes da Terra. Sem isso, acrescentava, ninguém cria nada, mesmo que a criação fale apenas de seu Criador...

Solidão? O que acontece é que a gente procura os outros para se livrar de si mesma. A intolerável companhia que eu me faço. Preciso dos outros para não chegar àquele ponto altamente intolerável do

encontro comigo. Eu sou exatamente: zero. E tanto se me dá.

*

— Conselho: fique de vez em quando sozinho, senão você será submergido. Até o amor excessivo dos outros pode submergir uma pessoa.

Sentia-se isolada na literatura brasileira. Não pertencia a nenhum grupo e nenhum grupo a convidou para fazer parte dele. Dizia não se alimentar de literatura e seus amigos, escolhia-os em qualquer profissão. Mas a relação que se estabelecia nunca era devida ao que a pessoa fazia ou representava. Se sentia a impossibilidade de ultrapassar as primeiras, e inevitáveis, aparências, ela perdia todo o interesse.

Ficamos em grande silêncio. Provavelmente mergulhadas ambas nas nossas vidas mútuas. Nós todos lutamos pela coragem de existir, pela confiança em nós mesmos e nos outros.

Tudo que fazemos nos agrada porque somos nós — você e eu — que o fizemos.

Não temia deixar de escrever. Se isso acontecesse, não parava de repetir, ainda lhe restaria amar, até na hora da morte.

— *Eu te conheço até o osso por intermédio de uma encantação que vem de mim para ti. Só há uma coisa que me separa de você: o ar entre nós dois. Às vezes para ultrapassar esse quase cruel afastamento, eu respiro na tua boca que então me respira e eu te respiro. Mas só por um único instante, senão sufocaríamos-nos: seria o castigo que se recebe quando um tenta ser o outro.*

Me dá um carinho pela raça humana.

Nasci para amar os outros, nasci para escrever e nasci para criar meus filhos. O 'amar os outros' é tão vasto que inclui até perdão para mim mesma, com o que sobra. Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca.

Seu afeto pelos animais era enorme: amava-os, como dizia, porque não lhe pediam nenhuma lógica.

Os animais foram feitos para que os homens soubessem. Faço o possível para meu cachorro saber que é cachorro. Faço o impossível para a gente saber que é gente.

Ulisses, mistura de algumas raças com viralata, era seu grande amigo. Havia entre eles uma autêntica simpatia, embora já a tivesse mordido duas vezes no lábio superior. Lambia-a quando acariciado à distância e mordia-a quando obrigado a uma aproximação maior.

Somente quem teme a própria animalidade não gosta de bicho.

Mágico é como eu e meu cachorro nos entendemos sem palavras: nossos olhos se cruzam e há uma compreensão que nasce e que é incompreensível pela minha consciência e pela consciência dele: há um entendimento que é nosso mas que nos ultrapassa e que não captamos. Mas existe.

Me cansei de tanto não acreditar, não acreditar e não acreditar. Afinal cedi. Acredito. Que remédio senão este? para ajudar a viver. Acredito até nos demônios interiores. Simplesmente passei a acreditar

no que, até então, eu negava pelo raciocínio. Até que a infância perdida irrompeu subitamente na mulher adulta. E eis que de repente há milagres.

Acredito no escuro. O pôder das trevas — tudo sem forma e opaco e escuro. É muito bom acreditar no absurdo, e trocar de absurdo.

Pensando bem, os fenômenos naturais são os mais sobrenaturais de todos.

Eis que a escuridão se dilata e se afina como um simples véu transparente -- e eu vejo. Isto:

Tudo é mágico porque é ilusão porque se transforma de ilusão para a realidade.

Atrás de uma coisa existe sempre outra coisa que tem atrás de si outrã coisa que... Assim sendo, chego ao interior do átomo? ou chegarei enfim à energia primeira que me gerou?

Um crítico disse certa vez que Clarice não era propriamente uma escritora, pois não usava as palavras como tal, mas como uma forma de bruxaria. Ora, nessa condição, foi convidada a participar do Congresso Mundial de Bruxaria, em Bogotá, em 1976, Colômbia. Para isso, preparou este texto:

Magia

Para mim só existe mesmo é a magia. Os fenômenos naturais sobretudo é que são os mais mágicos. Não busco o mágico do sobrenatural. Mas eu me arrepio toda quando, como aconteceu um dia destes, eu estava angustiada e solitária e sem futuro — quando de repente sem aviso prévio, ao entardecer do dia, caiu uma chuva que veio descarregar toda a minha energia elétrica e me acalmar me fazendo dormir profundamente aliviada. A chuva e eu tivemos um relacionamento mágico. No dia seguinte li

no jornal, com grande surpresa, que essa chuva que agiu em mim como magia branca, tivesse funcionado como magia negra com outras pessoas: o jornal dizia que a chuva fora de granizo, que destelhara casas, que impedira o vôo de aviões. Considero também mágico o inexplicável sol que aquece minhas entranhas. Mágico também é termos inventado Deus e por um milagre termos acertado. Pintei um quadro que uma amiga me aconselhou a não olhar porque me faria mal. Concordei. Porque neste quadro que se chama medo eu conseguira pôr pra fora de mim, quem sabe se magicamente, todo o medo-pânico de um ser no mundo.

É uma tela pintada de preto tendo mais ou menos ao centro uma mancha terrivelmente amarelo-escuro e no meio uma nervura vermelha, preta e de amarelo-ouro. Parece uma boca sem dentes tentando gritar e não conseguindo. Perto dessa massa amarela, em cima do preto, duas manchas totalmente brancas que são talvez a promessa de um alívio. Faz mal olhar este quadro.

Eu não creio em nada. E contraditoriamente creio em tudo.

E quanto à inspiração para escrever — como se explica?

No meio da noite, dormindo, acordo de repente, anoto uma frase e volto a dormir.

Não o leu, porém. Traduziu para o inglês "O Ovo e a Galinha" que ela considerava o conto mais hermético e, paradoxalmente, o mais compreensível e envolvente que deixou.

Esse era outro aspecto fascinante da sua personalidade: a atração, o fascínio que sentia pelos chamados fenômenos ocultos; não se tratava, a rigor, de uma fé, de uma crença. Para ela, essas coisas

se articulavam como algo mágico, poético, ainda inexplicáveis pelo pensamento puramente racional ou científico. Havia nela, quanto a isso, uma mescla de sentimento lúdico, estético e religioso. Assim, por exemplo, quando consultava o famoso *Livro das Mutações*, o *I Ching*, venerável repositório da mais antiga cultura chinesa.

Que atitude devo tomar em 1976? Que é que me espera nesse ano?

Resposta: 42. 'Ganho'.

Como devo fazer meu livro?

Resposta: 8 de 'Unidade, Coordenação'.

Terei sublimity, ousadia, perseverança?

Resposta: 55. 'Abundância'.

Dentro de mim há tal mistério que as novidades vêm de mim mesma.

*

Que estilo usar?

Resposta:

Escuro, primitivo, implorante.

Se tentar liderar ela se perde.

Mas se segue alguém, acha um guia.

É favorável achar amigos.

A perseverança silenciosa traz boa sorte da beleza e esplendor.

Assim prospera tudo o que vive.

Ação conforme a situação.

Não estou numa posição independente: atuo como assistente. Isto quer dizer que eu tenho que realizar alguma coisa. Não é sua tarefa liderar — mas sim deixar-se guiar. Se aceita encontra o desti-

no, 'fate'; com aceitação encontrará o verdadeiro guia.

Busca sua intimação no 'fate'.

Preciso de amigos e auxílio quando as idéias estão enraizadas.

Se não mobilizar todos os poderes, o trabalho não será feito.

Além do tempo e do esforço, há também um pouco de planejamento. E para isso é necessário solidão. Tem que estar sozinha. Nessa hora sagrada não deve ter companheiros, para que a pureza do momento não seja estragada por ódios e favoritismos.

Esperar pela hora certa do destino e enquanto isso 'alimentar-se com alegria'.

Às vezes, chegava a sentir um pouco de medo, tal a impressão de ter recebido de uma pessoa em carne e osso a resposta à sua pergunta.

Eu digo que não sou supersticiosa, mas bem que sou.

Também a cartomancia e a arte do horóscopo a atraíam. De vez em quando, consultava uma cartomante; anotava então cada uma das visões do futuro reveladas pelas cartas. Não queria, porém, os 'fatos' desse futuro. Queria apenas o seu mais obscuro sentido.

— Não fazendo absolutamente nada — cheguei ao mais fundo do viver. Não esperar nada de mim, me dá tal riqueza. É que eu estava cansada de exigir que eu fosse uma pessoa. Eu sou o resultado e não um começo.

Eu sou qualquer um. E me chamo ninguém. Para chegar a esta espécie de ultra-som e ultraluz, vivi uma vida cheia de tormentos que, sem 'sentido', passou gratuita. Muitos homens como eu são escolhidos. No meio do desespero e desânimo senti uma dor tão, tão fina que era a ultrador e que me levou ao infinito. Não, não era dor humana: era a conquista que eu alcançara por ter sofrido tanto. Saí desse sono aos poucos e agora, igual a qualquer homem, me chamo ninguém.

O fundo do viver é quase insuportável. É abismal como quando a pessoa se debruça na cratera de um vulcão. Sangue e terra.

De constituição forte, a doença só a abateu nos últimos quarenta e cinco dias anteriores à sua morte. É certo que desanimou, mas também é certo que se manteve lúcida, ávida por penetrar o significado do que ocorria com seu corpo e sua alma.

— Eu sei contactar em mim o nada.

Na minha telepatia com o Universo há momentos em que nós nos comunicamos e nos entendemos. Nesses momentos o Universo me permite e eu com relutância o admito e deixo que ele Seja, por excelência, Seja.

Dentro do mais interior de minha casa morro eu neste fim-de-ano exausta. Até fim-de-ano eu tive. Mas como se verá — não correu sangue. Bem que eu queria que corresse, e do mais brilhoso e da mais espalhafatosa faísca de fogo só para que fique provado que veia grossa minha foi tão de súbito lancetada. Chorei de raiva, raiva contra mim mesma. Me detestei por ser tão ingênua. Minha desordem criadora: do caos nascem as estrelas. Mas esta estrela, a

do fim-de-ano, era de carne, pensava e, a cada talho, doía.

— A 9 de dezembro de 1977, ainda ditava suas idéias, tal a compulsão de escrever:

— Súbita falta de ar. Muito antes da metamorfose e meu mal-estar, eu já havia notado num quadro pintado em minha casa um começo.

Eu, eu, se não me falha a memória, morrerei.

É que você não sabe o quanto pesa uma pessoa que não tem força. Me dê sua mão, porque preciso apertá-la para que nada doa tanto.

Segurei com força sua mão. Ela ainda escreveu:

— Sou um objeto querido por Deus. E isso me faz nascerem flores no peito. Ele me criou igual ao que escrevi agora: 'sou um objeto querido por Deus' e ele gostou de me ter criado como eu gostei de ter criado a frase. E quanto mais espírito tiver o objeto humano mais Deus se satisfaz.

Lírios brancos encostados à nudez do peito. Lírios que eu ofereço e ao que está doendo em você. Pois nós somos seres e carentes. Mesmo porque certas coisas — se não forem dadas — fenecem. Por exemplo — junto ao calor de meu corpo as pétalas dos lírios se crestariam. Chamo a brisa leve para a minha morte futura. Terei de morrer senão minhas pétalas se crestariam. É por isso que me dou à morte todos os dias. Morro e renasço.

Inclusive eu já morri a morte dos outros. Mas agora morro de embriaguez de vida. E bendigo o calor do corpo vivo que murcha lírios brancos.

O querer, não mais movido pela esperança, aquietar-se e nada anseia.

— *Meu futuro é a noite escura e eterna. Mas vibrando em elétrons, prótons, neutrons, mésons — e para mais não sei, porém, que é no perdão que eu me acho.*

Eu serei a impalpável substância que nem lembrança de ano anterior substância tem.

Sussurrei-lhe bem devagar a palavra *paz*; eram dez e meia da manhã da véspera de seu aniversário. Acabava de morrer.

Frente ao Ato de Escrever



Em Recife

Estou no reino da fala. Escrever é lidar com a absoluta desconfiança. Escrevo como se somam 3 algarismos. A matemática da existência. O que escrevo é simples como um vôo. Um vôo vertiginoso. Êxtase?

Quero escrever o borrão vermelho de sangue com as gotas e coágulos pingando de dentro para dentro. Quero escrever amarelo-ouro com raios de translucidez. Que não me entendam pouco-se-mé-dá. Nada tenho a perder. Jogo tudo na violência que sempre me povoou, o grito áspero e agudo e prolongado, o grito que eu, por falso respeito humano, não dei. Mas aqui vai o meu berro me rasgando as profundas entranhas de onde brota o estertor ambicionado. Quero abarcar o mundo com o terremoto causado pelo grito.

O clímax de minha vida será a morte.

Quero escrever noções sem o uso abusivo da palavra. Só me resta ficar nua: nada tenho mais a perder.

Nasceu mesmo para inventar.

Antes de ler e escrever, ela já fabulava. A vocação de escrever aconteceu na infância; desde os sete anos, não parou: penetrar nas entranhas da língua era seu único poder. Teria histórias que não acabavam mais e, depois que aprendeu a ler, não

havia livros que não devorasse. Pensava que livro era como árvore, como bicho — coisa que nasce. Não sabia que havia um autor por trás de tudo. Quando descobriu disse: “*Eu também quero.*”

Mandava seus trabalhos para o *Diário de Pernambuco*, que publicava contos infantis. Nunca publicaram nada seu. E ela sabia por quê. Os que apareciam no jornal começavam sempre: “Era uma vez...” Os dela eram apenas a anotação de suas sensações.

Nunca tive, enfim, o que se chama verdadeiramente de vida intelectual. Até para escrever uso minha intuição mais do que a inteligência.

Adolescente, sem nenhuma orientação literária, escreveu um conto para a revista *Vamos Ler*. O responsável olhou, leu e perguntou: você copiou ou traduziu isto de alguém?

— Não.

O conto foi publicado.

Foi numa biblioteca de aluguel que conheceu *O Lobo da Estepe*, de Herman Hesse, e *Crime e Castigo*, de Dostoievski. Contava que este chegou a lhe provocar febre, tamanha foi sua emoção.

No entanto pasmava-se quando diziam que sofrera influência de James Joyce ou de Virginia Woolf, escritores que de fato não leu. Um jornal francês, comentando a tradução de seu primeiro romance, apontou nele a influência de Sartre. “*Acontece que só vim a saber da existência de Sartre no meu segundo livro*” — surpreendeu-se ela.

Adulta, trabalhando como jornalista, levou um susto quando, ao receber o primeiro ordenado, entrou numa livraria e descobriu o livro *Felicidade*, de Katherine Mansfield. Exclamou então: “*Isto sou eu!*”

Na verdade, nenhum autor a influenciou. Sua linguagem era fruto de uma experiência direta dela consigo própria e com o mundo, sem a intermediação disso que se chama — enquanto sistema organizado de textos de uma determinada cultura — de ‘Literatura’. Escrever era experimentar — assim como um cientista experimenta, testa, comprova ou refuta suas hipóteses quando as submete ao rigor de seu método e sua teoria. Nela, a matéria a pesquisar eram os sentimentos, as sensações, as intuições provocadas pelo simples fluir da vida. Seu único método: manter-se perplexa, em ‘estado de pergunta’, no oco da vida.

Por que escrevo: teria antes de ir ao profundo último de meu ser.

— Não. Eu não sei por que escrevo.

A gente escreve, como quem ama, ninguém sabe por que ama, a gente não sabe por que escreve.

Escrever é um ato solitário, solitário de um modo diferente de solidão. Escrevo com amor e atenção e ternura e dor e pesquisa, e queria de volta, como mínimo, uma atenção e um interesse.

Aprendeu outros idiomas de ouvido: falava bem inglês, francês e espanhol. Mas dizia:

Eu penso e sinto em português, e só esta língua penosa e terrível me satisfaria.

Nossa língua — que ainda borbulha e que para ser traduzida precisa de duas ou três palavras que lhe expliquem o seu sentido vivo — que precisa mais do presente do que mesmo de uma tradição, exige que o escritor se trabalhe a si próprio como pessoa a fim de que possa depois trabalhá-la.



A linguagem está descobrindo o nosso pensamento, o nosso pensamento está formando uma língua que se chama de literária e que eu chamo de linguagem de vida.

Nos últimos anos, seus escritos diminuíram em extensão, ela dizia que aprendera que a coragem é falar cada vez menos.

Nunca achou que escrevesse para desabafar. "Para isso", repetia sempre, "tenho os amigos".

Todas as vezes em que eu acabei de escrever um livro ou um conto, penso com desespero e com toda a certeza de que nunca mais escreverei nada. E me sinto perdida principalmente depois que acabo um trabalho mais sério. Há um esvaziamento que quase se pode chamar sem exagero de desesperador. Mas para mim é pior: a germinização e a gestação para um novo trabalho podem demorar anos, anos esses em que feneço. Lendo dias depois o que escrevi, sinto certa desilusão, insatisfação.

*

Eu paro de escrever cada vez que leio uma crítica a um trabalho meu ou que vou a uma noite de autógrafos cheia de escritores. Nunca me senti realizada como escritora, e tenho a impressão de que será assim até eu morrer.

Quanto ao fato de eu escrever, digo — se interessa a alguém — que estou desiludida. É que escrever não me trouxe o que eu queria, isto é, paz. Minha literatura, não sendo de forma alguma uma catarse e que me faria bem, não me serve como meio de libertação. Talvez de agora em diante eu não mais escreva e apenas aprofunde em mim a vida. Ou

talvez esse aprofundamento de vida me leve de novo a escrever. De nada sei.

*

O que me 'descontraí', por incrível que pareça, é pintar. Sem ser pintora de forma alguma, e sem aprender nenhuma técnica. Pinto tão mal que dá gosto e não mostro meus, entre aspas, 'quadros', a ninguém. É relaxante e ao mesmo tempo excitante mexer com cores e formas sem compromisso com coisa alguma. É a coisa mais pura que faço.

Acho que o processo criador de um pintor e do escritor são da mesma fonte.

O texto deve se exprimir através de imagens e as imagens são feitas de luz, cores, figuras, perspectivas, volumes, sensações.

Segundo ela, "a pessoa só pode tentar fazer bem as coisas que realmente sente." E afirmava que seus livros não se preocupavam com os fatos em si:

- Meus livros felizmente para mim não são superlotados de fatos, e sim da repercussão dos fatos nos indivíduos.

Sua memória era fotográfica, instantânea, registrando ininterruptamente tudo. Assim, o mais vulgar movimento do mundo, como um simples estender de mão esmolando, ou o regaçar de uma calça expondo uma ferida, juntavam-se em sua mente a mil outros fragmentos de visões, até o momento em que, diante da máquina de escrever, 'via' nitidamente, por exemplo, um conto inteiro, acabado e pronto a partir de uma dessas imagens.

Não sei bem o que é um conto. No entanto, apesar de nebulosamente, sei o que é um anticonto. Nebulosamente. Talvez eu entenda mais o anticonto porque sou antiescritora. Acho que uma pessoa é escritora se escreve quando resolve escrever: quando se propõe um tema ou lhe propõem um enredo. Ou mesmo quando apenas lhe propõem escrever.

E eu não sei me comandar. Escrevo só quando 'a coisa vem'. Estou doida para poder escrever um conto.

A coisa mais difícil de se fazer deve ser escrever um dicionário. Porque, na verdade, não há sinônimos. E não há uma explicação possível.

Já estou com preguiça de mim. Eu, podendo não escrever, não escrevia.

Quando recebeu o prêmio de Brasília pelo conjunto de obra, declarou:

Eu bem estava precisando desse dinheiro. Sinto-me um tanto humilde, por não merecer tanto. Disseram-me que quando nos conferem um prêmio, é porque já nos consideram aposentados. Mas eu não me aposentarei. Espero morrer escrevendo. O que eu não disse por falta de frieza ficará sempre no limbo.

Embora soubesse que ela não gostava do assunto, de vez em quando lhe perguntava sobre como ela via a literatura, para além do que ela própria escrevia. Eu sabia que ela tinha coisas a dizer, ainda que sempre começasse por afirmar:

Literatura para mim é o modo como os outros chamam o que nós, escritores, fazemos.

- A literatura, continuava ela, porém, possui valores próprios que não necessitam, para legitimar sua existência, colocar-se a serviço de uma moral, uma política, ou uma filosofia.

Há freqüentemente os que atribuem à literatura a finalidade de evasão ou fuga a determinadas condições do mundo em que se vive, e a construção de um mundo imaginário melhor. Esse desejo de fuga teria origem nos conflitos entre o escritor e a sociedade, que ele julga injusta, nos seus problemas e sofrimentos íntimos, e, num plano metafísico, na manifestação concreta do descontentamento com um universo finito, absurdo e imperfeito, no qual ele não encontra resposta para os problemas do significado da vida humana, da finalidade do mundo ou da existência de Deus. Outros consideram a literatura um instrumento de conhecimento da realidade porque ela cria um mundo coerente, em que os acontecimentos são apresentados em sua universalidade e também porque esclarece a natureza profunda da ação humana e de seus móveis. Representaria, assim, a revelação, através das formas simbólicas da linguagem, das infinitas potencialidades obscuramente pressentidas no espírito humano.

O escritor não é um ser passivo que se limita a recolher dados da realidade, mas deve estar no mundo como presença ativa, em comunicação com o que o cerca.

Na atividade de escrever o homem deve exercer a ação por desnudamento, revelar o mundo, o homem aos outros homens. E ao fazê-lo deverá escolher dizê-lo de um modo determinado, pessoal.

Ele tem ou não a consciência de seu papel de 'revelador' das coisas, o meio através do qual elas se manifestam e adquirem significado. Mas, apesar de

ser o detector da realidade, a realidade não é seu produto, isto é, apesar de o escritor ser o revelador do mundo, isso não é essencial a ele, mas sim torna-se essencial à sua obra, pois que sua obra não existiria se não fosse ele.

A literatura deve ter objetivos profundos e universalistas: deve fazer refletir e questionar sobre um sentido para a vida e, principalmente, deve interrogar sobre o destino do homem na vida.

Há escritores que por opção e engajamento defendem valores morais, políticos e sociais, outros cuja literatura é dirigida ou planificada a fim de exaltar valores, geralmente impostos por poderes políticos, religiosos, etc., muitas vezes alheios ao escritor.

Penso que o escritor deve dirigir-se à liberdade de seus leitores, integrados ou não na mesma situação histórica e para quem as realidades descritas sejam ou não alheias. E, ao fazê-lo, o escritor deve mobilizá-los a uma identificação, questionamento ou possível resposta.

Contudo, ao voltar-se para si mesma, não conseguia dizer nada além de:

Eu me refugiei em escrever. Acho que consegui devido a uma vocação bastante forte e uma falta de medo ao ser considerada 'diferente' no ambiente em que vivia.

Quando escrevia não pensava num possível leitor nem mesmo em si:

É a coisa o que importa.

Não conseguia reler texto seu. E quando publicado era como livro morto. Não queria mais saber

dele. Quando acontecia alguém citar algum trecho, achava ruim. Nunca lia as traduções, 'para não ficar irritada'.

Sentia-se, porém, gratificada quando achava que alguém a entendia, e acrescentava que não tinha nenhum compromisso com o sucesso, não escrevia para agradar ninguém. Era considerada 'de vanguarda' por muitos críticos.

Eu não entendo o que eles falam, mas lamento esse falso vanguardismo, cheio de modismos, frio, calculista, pouco humano. A melhor crítica é aquela que entra em contato com a obra do autor quase telepaticamente.

Questionada e quase que obrigada a pensar sobre 'vanguarda literária', escreveu uma "Conferência sobre Vanguardismo", utilizada em palestras em várias universidades no Brasil e no exterior.

Vanguarda seria 'experimentação'. Mas toda verdadeira arte é também experimentação, assim como toda verdadeira vida é experimentação. Mas, então, por que uma experimentação é vanguarda e outra não? Seria vanguarda a oposição ao que se estivesse fazendo no momento? Ou seria uma nova forma usada para rebentar a visão estratificada e forçar, pela rebentação, a visão — conhecimento de uma realidade?

*

Vanguarda poderia ser 'um instrumento avançado de pesquisa'. Essa pesquisa, esse reexame de conceitos, levaria a uma reformulação mesmo dos conceitos novos ainda não formulados?

*

Para mim o futuro de um escritor de vanguarda é amanhã não ser lido exatamente por aqueles que mais se assemelham a ele. O escritor de vanguarda terá atingido sua finalidade quando, depois de se dar e ser bem usado, desapareça no amanhã.

Descobrir é inventar, ver é inventar.

Acho que existe uma vanguarda forçada, isto é, o autor se determina a ser 'original' e vanguardista. O que para mim não vale. Só me alegra muito a originalidade que venha de dentro para fora e não o contrário.

Só a verdadeira vanguarda faz com que os vanguardistas possam ser chamados de contemporâneos do dia seguinte.

E voltava a insistir na sua liberdade como escritora — recusava até o adjetivo 'profissional':

-- Profissional escreve todos os dias, porque precisa. Eu escrevo quando quero, porque me dá prazer.

Será que sendo profissional ao máximo, atinge-se é claro o máximo, mas creio que se perde alguma coisa do inventivo-espontâneo? Ou ser um profissional ao máximo é exatamente também não perder esse inventivo-espontâneo?

O bom de escrever é que não sei o que vou escrever na próxima linha. Eu queria saber sobre o que pretendem de mim os meus livros. Eu não escrevo para a posteridade.

Eis alguns de seus hábitos, ao escrever. Para datilografar, sentava-se invariavelmente no pequeno sofá de dois lugares, próximo ao terraço, sempre atulhado de manuscritos, cadernos de telefone, cor-

respondência e livros recebidos, a bolsa da qual nunca se separava e a máquina de escrever portátil.

Esticava as pernas numa banquetta e dirigia o olhar para fora da janela, sem se deter no pequeno jardim de folhagens. Ligava então o pequeno rádio, sempre à mão, na Rádio MEC ou na Rádio Relógio, acendia um cigarro, colocava os óculos e anotava palavras ou frases. Às vezes era interrompida pelo telefone, atendia e falava longamente. Voltava à posição inicial ou ficava à espera. De repente, operava-se uma transformação: colocava a máquina no colo e com agilidade datilografava páginas e páginas até que, num redemoinho em que dava a impressão de estar se arremessando a si própria em cada palavra, tirava o papel da máquina com violência, colocando-o sobre a pilha ao seu lado. Levantava-se, tropeçava na banquetta — era distraída e meio desajeitada — e dirigia-se à copa para pedir um cafezinho. Quem a visse nesse momento já não a pensaria capaz de escrever coisas assim:

A sensibilidade de um artista à crítica vem em parte do esforço de manter intacto o impulso, ou confiança ou arrogância, que ele precisa manter para a criação. Ao criar o homem sente toda a grandeza e toda indigência de sua criação. Penso que este fato pode explicar as angústias tão frequentes nos criadores.

A criação artística é um mistério que me escapa, felizmente. Eu tenho medo antes e durante o ato criador: acho-o grande demais para mim. E cada novo livro meu é tão hesitante e assustado como um primeiro livro.

São as angústias da criação. O problema da criação artística sempre me fascinou e ainda não

perdi a esperança de um dia desmontar esse complicado mecanismo.

Em mim a criação se processa numa mistura de palavra, idéia. É claro que tenho o ato deliberador, mas precedido por uma coisa qualquer que não é de modo algum deliberada.

Para ela, a palavra era um objeto a ser tateado no escuro. Nunca inventava uma história, para depois 'transcrevê-la'. Não — suas histórias, os 'enredos' de seus contos ou romances brotavam desse mergulho na região onde as palavras, segundo Carlos Drummond de Andrade, se encontram em estado de dicionário, à espera de quem venha desvendá-lhes o segredo.

— Poderia contar todos os fatos, mas do que sentira não poderia falar: há mais sentimentos que palavras. Ao que se sente não há modo de dizer. Pode-se misteriosamente aludi-los.

Repetindo muito uma palavra ela perde o significado e vira coisa oca e retumbante e ganha o próprio enigmático corpo duro.

Espírito espírito espírito espírito espírito espírito. Afinal que é espírito? é o que sinto dentro de não-mim?

Mais. É uma palavra morfológicamente faiscante e audaciosa, como os vôos de pássaros. Espírito: e levantou vôo.

Às vezes a palavra repetida torna-se o bagaço seco de si mesma e não refulge mais nem como som.

Daí a postura mantida desde o primeiro livro: não escrever para responder, mas para levar a pergunta a seu ponto mais agudo, onde toda resposta não seria mais que acomodação.

— Tem coisas que os ignorantes sabem e que eu, por não ser um sábio, não sei. A insuficiência da inteligência. Quando eu penso não presto atenção ao pensamento — se prestar atenção, tudo pára. Há casos em que a pergunta é mais importante que a resposta. Quando a curiosidade é mais intensa antes de ser satisfeita.

Descobri que eu preciso não saber o que penso. Se eu ficar consciente do que penso passo a não poder mais pensar. Quando digo 'pensar' quer dizer sonhar palavras. Ou melhor: passo a só me ver pensar. Meu pensamento tem que ser um sentir. Penso tão depressa que não sei o que penso. Penso por imagens mais rápidas que as palavras do pensamento pudessem captar. O vazio, e o não pensar, é o melhor estado mental para que as imagens se façam.

Será que eu penso usando palavras? ou o pensamento é mais volátil ainda? Às vezes o pensamento é uma cor. Às vezes é um leve tilintar de faca em copo de cristal. Meu pensamento é volátil, inatingível e fumaça: perco-o no ar. Mas bem depressa escrevo as palavras que mal e mal simbolizam-me. As palavras que são carvão em brasa de onde se evola a fumaça. Depois morrem as brasas e nada aconteceu, só uns restos de negro carvão. Aonde vai o som da música que acaba de ser tocada?

Outra obsessão sua: ser absolutamente sincera. Porque, mais cedo ou mais tarde, como não cansava de repetir:

...o público percebe nas entrelinhas a realidade.

E a permanente atenção, como animal de faro alerta, às intuições:

A intuição tem seu papel na física e na matemática. E, para mim, tudo aquilo em que entra intuição é uma forma de arte. Física e matemática são de um poético tão alto que já é banhado de luz.

Pode parecer paradoxal, mas ela não vivia à cata do significado das coisas: este era puro resultado do texto. Não seria exagero dizer, neste caso, que ela não escrevia seus livros; antes, era escrita por eles.

Quando eu procuro demais um 'sentido' — é aí que não o encontro. O sentido é tão pouco meu como aquilo que existisse no além. O sentido me vem através da respiração, e não em palavras. É um sopro.

*

— Para me divertir eu poderia inventar muitos fatos e criar histórias, inventar é fácil e não me falta a capacidade. Mas não quero usar esse dom que eu desprezo, pois 'sentir' é mais inalcançável e ao mesmo tempo mais arriscado. Sentindo-se pode-se cair num abismo mortal.

O que procuro? Procuo o deslumbramento. O deslumbramento que eu só conseguirei através da abstração total de mim.

Eu quero não a idéia e sim o nervo do sonho que resulta na única realidade onde posso encontrar uma verdade. É como se eu tivesse inventado a vida — e — fiat lux. Mas o deslumbramento que eu tenho dura o espaço instantâneo de uma visão e eis-me de novo no escuro.

Como posso subir, senão aceitando antes a minha miséria humana. Não é que não chore a minha morte pois sou apenas eu. Mas choro a tua morte,



que é a cada instante que passa a morte da raça humana. O que é ser um homem? É arriscar-se e acreditar com dor na veracidade do sonho, e correr o risco torturante de só ver para dentro.

Nesse ponto exato do perigo eu grito! e olho depressa para fora a fim de encontrar as caras secretas de outros homens.

A imagem da minha insônia.

A minha insônia sou eu, é vivida, é o meu espanto. Eu não penso em escrever beleza, seria fácil. Eu escrevi espanto e o deixei inexplicado. A criação não é uma compreensão, é um novo mistério.

Sentava-se no sofá da sala rodeada de seus quadros, dos livros em prateleiras ao longo das paredes e sofria suas 'crises de criação', quando pensava que já não teria o que escrever e se nauseava até voltar à máquina.

...eu era como que impelida por uma força incrível.

Era capaz de trabalhar horas seguidas sem se isolar; escrevia, então, com os filhos à sua volta, chamando pela empregada, recebendo os amigos mais íntimos e atendendo telefone.

Uma vez lhe disseram que escrevia em transe. E ela achava que seu mistério era não ter mistério!

Meu trabalho vem às vezes em nebulosa sem que eu possa concretizá-lo de algum modo. Passo dias ou até anos, meu Deus, esperando. E, quando chega, já vem em forma de inspiração. Eu só trabalho em forma de inspiração. No início de uma história, acho que tenho um vago plano inconsciente que

vai desabrochando à medida que trabalho. Fundo e forma sempre foram uma coisa só. A frase já vem feita.

Tomava nota de tudo que lhe ocorresse. Era a partir dessas notas que estruturava ou um conto ou um romance.

A frase solta já vem feita, mas não gosto da fase posterior do trabalho que consiste em reunir esses pensamentos e idéias nascidas aos pedaços.

Só trabalhava com o inesperado, o que podia acontecer até mesmo quando estava no cinema. Escrevinhava então, nas costas de um talão de cheques, em lenços de papel ou em envelopes vazios, frases ou textos inteiros:

Estrela perigosa — Rosto ao vento — marulho e silêncio — leve porcetana — templo submerso — trigo e vinho — Tristeza de coisa vivida — árvores já floresceram — o sal trazido pelo vento — conhecimento por encantação — Esqueleto de idéias — Ora pro nobis — Decompor a luz — Mistério de estrelas — Paixão pela exatidão — Caça aos vagalumes. Vagalume é como orvalho — Diálogos que disfarçam conflitos por explodir — Ela pode ser venenosa como às vezes o cogumelo é.

No obscuro erotismo de vida cheia — nodosas raízes. Missa negra, feiticeiros. Na proximidade de fontes, lagos e cachoeiras braços e pernas e olhos, todos mortos se misturam e clamam por vida.

Sinto falta dele como se me faltasse um dente na frente: excrucitante.

Que medo alegre, o de te esperar.

Qual é o contrário do contrário? Não é simplesmente a volta do que fora contrário.

Tinha um lado fantasioso embora em caminhos diversos: ele fantasiava idéias, ela fantasiava emoções.

Ela procura não viver em promiscuidade consigo mesma. Cada coisa em seu lugar. Só assim ela se respeita e não tem nojo de si.

Gotas brilhantes de notas musicais escorrem-lhe pelos cabelos longos.

Depois.

Depois aquele silêncio. Anos passaram.

Tarde úmida. (Estas duas palavras evocam toda uma vida.)

Poças de água.

Noite selvagem. É como um pônei de longas crinas louras no escuro, o pêlo brilhando no escuro.

Eu morri para o amor pessoal. Crucifico-me. Perdi o amor pessoal. Agora amo.

A repetição de frases simples tira a superficialidade, põe a coisa na coisa e não a coisa na palavra. A diferença entre 'pombo na relva', seguida da modificação acrescentadora de 'grandes pombos na curta relva amarelada'. (Viva!) Eu sei pegar o ar. Meu espírito não tem fundo.

Nisto consistia todo o seu método: "Tem gente que cose para fora, eu coso para dentro."

— Nota para futura investigação: o fogo, mesmo se não queimasse, não se pode pegar. A chama é livre e incorpórea: não se pode pegar a luz com a mão.

Exercício: descrever espuma do mar na areia. Assim: brancas translucências que de salgadas e frígidas perlam em bolhas molhadas pela alva renda do para-frente e para-trás, para-frente e para-trás

com brincadeira de lentos vaiivéns pela areia ocre e endurecida que mais adiante se torna fofa e seca e esfarelada onde pés nus afundam. E as ondas? a força branca de espuma nervosa se apagando em nada na areia.

Escrevi um livro chamado 'Ar Molhado' mas o livro se esgotou no título que já me diz tanto da natureza.

'Ar Molhado' poderia ser um bom livro e para ser lido por quem já experimentou a água que está no ar e que se transforma em respiração, e respiração é vida. Vida úmida e íntima. Vida individual. Mas individual como dois na cama quando chovem bênçãos de uma natureza propícia a se ser mais profundo.

Aprendi a não rasgar nada do que escrevo.

Quantas vezes vi, maravilhada, o nascimento de um texto a partir da simples anotação de uma palavra! Mas também quantas vezes fui testemunha impotente de seus momentos de desespero diante do desafio do papel em branco.

• Meu Deus do céu, não tenho nada a dizer. O som de minha máquina é macio. Que é que eu posso escrever. Como recomeçar a anotar frases? A palavra é o meu meio de comunicação. Eu só poderia amá-la. Eu jogo com elas como se lançam dados: acaso e fatalidade. A palavra é tão forte que atravessa a barreira do som. Cada palavra é uma idéia. Cada palavra materializa o espírito. Quantas mais palavras eu conheço, mais sou capaz de pensar o meu sentimento. Devemos modelar nossas palavras até se tornarem o mais fino invólucro dos nossos pensamentos. Sempre achei que o traço de um escultor é identificável por uma extrema simplicidade de

linhas. Todas as palavras que digo — é por esconderem outras palavras. E qual é mesmo a palavra secreta? Não sei é porque a ouso? Só não sei porque não ouso dizê-la?

Sinto que existe uma palavra, talvez unicamente uma, que não pode e não deve ser pronunciada. Parece-me que todo o resto não é proibido. Mas acontece que eu quero é exatamente me unir a essa palavra proibida. Ou será? Se eu encontrar essa palavra, só a direi em boca fechada, para mim mesma, senão corro o risco de virar alma perdida por toda a eternidade. Os que inventaram o Velho Testamento sabiam que existia uma fruta proibida.

As palavras é que me impedem de dizer a verdade. Simplesmente não há palavras. O que não sei dizer é mais importante do que o que eu digo. Acho que o som da música é imprescindível para o ser humano e que o uso da palavra falada e escrita são como a música, duas coisas das mais altas que nos elevam do reino dos macacos, do reino animal, e mineral e vegetal também. Sim, mas é a sorte às vezes. Sempre quis atingir através da palavra alguma coisa que fosse ao mesmo tempo sem moeda e que fosse e transmitisse tranqüilidade ou simplesmente a verdade mais profunda existente no ser humano e nas coisas. Cada vez mais eu escrevo com menos palavras. Meu livro melhor acontecerá quando eu de todo não escrever. Eu tenho uma falta de assunto essencial.

Todo homem tem sina obscura de pensamento que pode ser o de um crepúsculo e pode ser uma aurora. Simplesmente as palavras do homem.

Seus 'temas' não eram escolhidos — impunham-se a ela. Eram inelutáveis. E jamais soube o começo-meio-fim mesmo de seu menor conto. Não procura-

va 'caminhos' a seguir quando se achava em vias de escrever: seu processo consistia em não se intrometer no que o texto lhe exigia. Neste sentido, se o Inconsciente escrevesse, seria talvez como ela... Se planejava por acaso, alguma coisa relativa a um livro, era apenas assim:

Idéias para a feitura do livro

Se eu fizer o que eu posso fazer poderei talvez alcançar uma certa paz. O que me inferniza é lidar com o meu impossível.

Corto o dispensável e procuro apenas o clímax de mim. Cada frase minha ou de Ângela quero que digam. Digam o quê? Só me interessam em clímax ou o auge. Mesmo que esse auge seja uma pergunta sem resposta.

Emendar a última frase do Autor com a primeira frase de Ângela. (Repetir as últimas palavras do Autor.)

Ou interrompe-se por causa de Ângela e retoma no diálogo o que ia mesmo dizendo. O Autor interrompe a frase no meio com travessão ou reticências. "Eu sinto que..."

E Ângela retoma — "Eu sinto que estou à beira de um acontecimento."

Ritmo de procura.

Estou hoje com dor de cabeça não sei por quê etc. etc. etc.

Briguei com Ângela por ninharias, ela me enervou, etc. etc. etc.

Evitar a liberdade fácil e a tentativa intelectualista.

Não é um tipo. Ela é virtuosa. Endêmica.

Separar a primeira parte.

Trabalhar na segunda parte.

Cortar "sou a favor do medo", e outras histórias.

Deixar o livro inacabado: Quanto a mim estou. É isto mesmo: estou. Não sou. Estou.

No fim do livro:

Eu te amo de um amor maior, o amor neutro que tudo abrange.

*Contudo redigiu oito versões de *A Maçã no Escuro*:*

Porque eu sentia as coisas em mim e elas não saíam de mim.

*E mais: os contos de *Laços de Família* foram em parte produzidos ao mesmo tempo que esse romance!*

Pareciam duas pessoas diferentes escrevendo, não sabia explicar.

E nunca reescrevia, não mexia nas palavras:

Eu acrescento ou corto, mas não reescrevo. Escrevi "Uma Galinha" entre meia hora ou quarenta minutos, o tempo de bater na máquina.

*Considerava que *A Cidade Sitiada* (1949) fora seu livro mais difícil de escrever. Contava que perseguia 'uma coisa' e que não havia meio de descobrir o que era. Trabalhou 'meio cegamente', e muitas vezes tinha a desagradável sensação de não estar fazendo nada. Ficava sentada aguardando; de repente, vinha uma frase. O romance foi totalmente escrito assim.*

Água Viva, apesar de dar a impressão de ser um texto corrido, feito num jorro só, foi, no entanto, de penosa elaboração. Ela passou três anos anotando

palavras e frases, sem conseguir estruturá-lo. Quando ficou pronto, sentiu-se sem coragem de publicá-lo. Até o fim, ela dizia:

"A Maça no Escuro" foi o livro mais bem estruturado que escrevi.

A primeira vez que a vi, ela estava de costas. Eu assistia a um programa de televisão, quando o vídeo foi tomado por um vulto de mulher, o locutor anunciando: "E agora entra neste recinto a escritora Clarice Lispector."

Senti como se já a conhecesse há muitos anos, ou então como se meu destino de alguma forma estivesse ligado ao dela. O vulto se distanciou, acompanhado por um homem que lhe oferecia o braço, até perder-se no meio da multidão. Não se virou uma vez sequer.

Eu lia, nessa ocasião, *A Paixão Segundo G.H.* Ao terminá-lo, tinha decidido conhecer a autora pessoalmente. Seria só uma questão de oportunidade.

Nessa época, eu trabalhava como voluntária na Fundação Romão de Matos Duarte, um abrigo para menores abandonados. Procurei o telefone de Clarice no catálogo, liguei-lhe e marquei, através da pessoa que atendera, um encontro para o dia seguinte, à tarde. O objetivo era conseguir dela que autografasse seus livros infantis para as crianças da fundação.

Foi assim que me achei, às três e meia da tarde de um dia deslumbrante, na porta do prédio em que ela morava.

Atravessei o saguão em penumbra, entrei no elevador e dirigi-me ao sétimo andar. Fui atendida com gentileza por uma senhora. Ofuscada pela luz que vinha do terraço, não consegui ver de imediato o rosto de Clarice, só o recorte de seu vulto.

Aproximamo-nos ao mesmo tempo e trocamos um aperto de mão. Ela sorriu, talvez com ar levemente cansado, talvez um pouco triste. Seu porte tinha algo da humildade de uma camponesa mesclada à altivez de uma grande dama. A conversa foi longa, interrompida por silêncios em que ela se mantinha quase imóvel, as mãos delicadamente cruzadas no colo, os olhos verdes voltados para o céu luminoso que invadia a sala pelo janelão aberto.

Em dado momento, atrevi-me a perguntar sobre seus livros e seus personagens; ela inquietou-se e, levantando-se bruscamente, perguntou se eu queria tomar um café. Passou a falar de sua vida, seus filhos, seu passado. Fez-me, é claro, contar um pouco de mim. O tempo corria e eu me decepcionava: não consegui arrancar-lhe a menor palavra sobre seu trabalho.

Ela veio à fundação, autografou os livros, mostrou-se incansável. Ao sair, pediu-me que a acompanhasse de volta para casa. Conversamos mais um pouco e nos despedimos. Dois dias depois, recebo um telefonema seu: pedia-me que fosse vê-la após o meu expediente.

Recebeu-me de forma calorosa. Fez-me sentar e entregou-me uma folha de papel datilografada.

Vi e fiquei atônita. Levantei os olhos e ela sorriu. Pedia-me, *por escrito*, para ser sua amiga.

Sáimos, então, em meu carro, para passear pela Avenida Atlântica. Queríamos ficar à beira-mar. Queríamos ver o sol mergulhar ao longe por trás dos

morros, e espreitar a lua recém-nascida no meio das ondas mais longínquas de Copacabana. A partir desse dia nos tornamos inseparáveis.

Além de mim, Clarice contou com a dedicação permanente de outra grande amiga: Silea Marchi, que a acompanhou durante onze anos.

Conheceu-a por causa do acidente em que se queimara gravemente. Ao receber alta do hospital, colocou anúncio em jornal, em busca de uma enfermeira. Após entrevistar-se com várias candidatas, deparou-se com Silea. Foi amizade à primeira vista: após atendê-la nos meses críticos de convalescência, Silea tornou-se indispensável a Clarice: a rigor, transformou-se na mais atenta, diligente e responsável presença na vida dela. Cuidava não só do andamento da casa, mas era quem, de certa forma, 'protegia' de mais perto sua existência cotidiana: atendia a todos os telefonemas, afastava o simples curioso, preocupava-se com os filhos dela e, quando solicitada, mostrava-se excelente conselheira. Sabia sobretudo alegrá-la nos momentos difíceis.

Certa vez, referindo-se a ela, Clarice me disse:

Inventei para Silea um novo tipo de emprego: o de não fazer nada, só ser. Você nem imagina como ela o desempenha bem.

O quarto de Clarice era muito despojado, ela o comparava a uma cela de monje. Uma cama espaçosa, um armário embutido ocupando toda a extensão da parede, uma estante com seus livros, uma escrivaninha antiga, outra estante, pequena, sob a janela, com caixinhas de jóias, bijuterias, vidros de



Com Olga Borelli, em Buenos Aires

essências, potes de creme, maquilagem, e sempre um copo cheio de água.

De cor verde-claro, sem nenhum objeto ou quadro nas paredes, o quarto tinha duas janelas. Uma, ampla, dava para a rua; a outra, menor, para as quadras de tênis de um clube, acima das quais se estendia a vegetação dos morros do Forte do Leme.

Uma espécie de colcha-cobertor, tecida pelos ucranianos de Curitiba, e as cortinas japonesas de bambu enfeitavam um pouco o ambiente. Nunca lia na cama, apesar de um abajur comprado para essa finalidade. Dormia sempre com a porta aberta, com Ulisses a seus pés.

O almoço era ao meio-dia: geralmente alimentação trivial. Não comia sobremesa e, quando o fazia, eram frutas da estação. Não jantava. Por volta das seis horas lanchava café com pão e manteiga ou biscoitos com uma fatia de queijo. Só variava quando almoçava fora, ou, se pedia para trazerem a refeição em casa, escolhia pratos diferentes: lagostas, camarão, um filé com algum molho exótico.

Em algumas tardes saía para tomar um chá completo. Pedia *croissants*, torta de chocolate e queijos especiais. Em raríssimas ocasiões quebrava a rotina: uma vez, às oito da manhã, encontrei-a comendo feijoada em lata...

Não andava de ônibus: achava os degraus muito altos e irritava-se com a morosidade do percurso e com as paradas obrigatórias. Preferia automóvel; ficava sempre em silêncio, ouvindo música clássica. Às vezes a música se prolongava, e, embora já estivéssemos no local de destino, ela só saltava depois de ouvi-la até o fim.

Passávamos juntas os domingos. Eu chegava a seu apartamento às sete e meia da manhã em ponto.

Oferecia-me café e, se o tempo estava bom, íamos à Praia Vermelha, quase sempre deserta a essa hora. Esticávamos nossas esteiras, estendíamo-nos, e Clarice marcava trinta minutos no relógio, quinze para bronzear cada lado do corpo. Entrávamos na água, Clarice bebia três goles, e se molhava sem mergulhar. Depois líamos o jornal, ela passando rapidamente pelas manchetes e se detendo nos assuntos do segundo caderno. Em matéria de jornal, ela gostava mesmo era das crônicas de Carlos Drummond de Andrade e dos horóscopos.

Almoçávamos fora, sempre no mesmo restaurante, e íamos ao cinema. Quando o cinema não oferecia conforto, e mesmo que o filme fosse bom, saíamos no meio. Depois, lanchávamos e voltávamos para casa. Às vezes, nas noites de muito calor, assistíamos a algum programa de televisão, mas nunca até o fim. Eu fazia café, colocava na garrafa térmica e me despedia.

Se o dia estava nublado, passeávamos de carro pela floresta da Tijuca e comíamos na praia de São Conrado, depois de visitar o pintor Augusto Rodrigues, amigo de muitos anos. Ou íamos à feira nordestina, em São Cristóvão, onde ela se encantava com as barracas e com os cantadores de viola, que depois imitava, rindo muito. E não deixava de pedir algum prato típico, além de sempre comprar melado e beiju. Ao Parque Laje ou ao Jardim Botânico íamos quando não havia filme bom em cartaz. Ficávamos longo tempo sentadas, e ela ou conversava ou escrevia.

Às segundas-feiras, Clarice acordava mais cedo que de hábito, com a zoeira dos feirantes que descarregavam mercadorias e armavam barracas. Irrita-

tava-se com essa feira-livre, mas, por outro lado — com ar de menina que de repente se descobre mulher —, deixava-se fascinar pelas barracas de brincos, pulseiras e demais quinquilharias femininas.

Quando a visitava no correr da semana, saíamos ao entardecer, para um passeio com Ulisses na praça do final do Leme. Sentávamo-nos sob as amendoeiras; ficávamos horas ali. Ela, mergulhada em si mesma, em silêncio, mas atenta a tudo, às conversas de mães e babás, às crianças brincando, à felicidade de Ulisses. Permanecia assim até o começo do crepúsculo. As luzes se acendiam, ela se levantava e dizia:

— *Vamos embora.*

Ulisses foi a outra companhia fiel de Clarice. Comprou-o numa casa de animais. Eu lhe mostrava um bellissimo filhote de raça, quando a vi com um cãozinho timidamente aconchegado nas mãos. Era uma mistura de bassê, de pelo curto, marrom-claro com manchas mais escuras, e vira-lata. Ela o acariciava, já chamando-o de Ulisses.

Para Clarice, Ulisses se constituiu numa espécie de ponto convergente de afetividade em estado puro. Falava com ele em voz doce, e inventava-lhe sempre outros nomes, como 'Vicissitude', 'Pitulcha', 'Pornósio'.

Habitou-se a beber café, cerveja gelada e coca-cola; e adorava cigarros: não podia ficar perto de um cinzeiro cheio.

Uma das tristezas mais pungentes de Clarice foi provocada por Ulisses. Ela o acariciava, certa vez, quando recebeu uma mordida no rosto: acidente tão sério que houve necessidade de recorrer a uma pequena cirurgia plástica. A mágoa foi funda.



Ela olhava o cão, consternada, como uma criança que vê um brinquedo querido espatifar-se sem remédio. E me dizia com espanto:

— *Afinal, eu me esqueci que ele é um bicho!*

Estes são os aspectos essenciais do cotidiano dela. Não há mais o que relatar: seus últimos dez anos transcorreram quase sem qualquer 'acontecimento' mais notável. Foram dias iguais, sem ênfase exterior, em que os gestos tinham apenas o seu próprio peso, a sua própria dimensão, o seu estrito significado — nada, fora de Clarice, os fazia transcender os limites da rotina. O acontecimento maior, o 'fato' notável, para ela, sempre foi o Texto.

Algumas Cartas

Até meados da década de 50, Clarice viajou muito, por dever de ofício: era mulher de diplomata. A primeira vez que saiu do Rio, em 1944, foi para Belém do Pará, depois para a África do Norte, a caminho da Itália. Morou também nos Estados Unidos e na Suíça. Em 1973, fizemos juntas um passeio de trinta dias à Europa: Londres, Zurique, Lausanne, Berna, Paris e Roma. Em 1976, chegamos a ir a Paris — outro passeio de um mês —, mas, aflita, tomada de angústia, ela regressou uma semana depois.

Transcrevo aqui trechos de cartas dela a suas irmãs, enviadas a partir de 1944. São imagens imediatas de sua vida. Enquanto não se organiza uma edição da correspondência dela, esses trechos, espero, colaborarão para delinear com mais objetividade seu perfil de pessoa e de escritora.

Belém, 16 de fevereiro de 1944

...Estou cansada de pessoas e sozinha me aborreço. Eu mesma não sei o que quero.

Quanto ao meu trabalho, ando horripelmente desfibrada: tudo o que tenho escrito é bagaço, sem gosto, me imitando, ou tomando um tom fácil que não me interessa nem agrada.

Procuro não me desesperar, ou melhor, nem posso porque estou vagando numa quietude chata. Espero que isso se transforme depressa, as críticas, de um modo geral, não me fazem bem: a do Álvaro Lins me abateu e isso foi bom de certo modo. Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de 'representante comercial deles'. Recebi do Lux-Jornal o artigo da Dinah Silveira, do Breno Acioli, do Guilherme Figueiredo, do Roberto Lira (elogiando, mas uma porcaria) e só. Um rapaz, Lauro Escorel, crítico ou ensaísta, e que agora entrou para o Itamarati, escreveu e me mandou um artigo na "Manhã", muito bom, ótimo mesmo. Vale a pena ler. "Diretrizes", classificou o livro no "Leia se Quiser", tratando-me com palmadinhas paternas nas costas, carões e conselhos. Chato, e eu não ligo.

Belém, 18 de março de 1944

...a Sra. Roosevelt passou por aqui. Fomos convidados para recebê-la no aeroporto e para ir à recepção dada a ela. Fui com meu vestido preto. Ela é simpatíssima, muito simples, vestida com bastante modéstia, bem mais bonita pessoalmente do que nas fotografias e no cinema. No dia seguinte ela deu entrevista coletiva à imprensa, eu fui, mandei noticiário telefônico para "A Noite", mesmo estando de licença porque não queria perder a chance.

Que contar a vocês, quando o que eu desejo é ouvir? A vida é igual em toda a parte e o que é necessário é a gente ser a gente.

Argel, 19 de agosto de 1944

Na verdade eu não sei escrever cartas sobre viagens, na verdade nem sei mesmo viajar. É engraçado como, ficando pouco em lugares, eu mal vejo. Acho a natureza toda mais ou menos parecida, as coisas quase iguais. Eu conhecia melhor um árabe com véu no rosto quando estava no Rio. Enfim, eu espero nunca exigir de mim nenhuma atitude. Isso me cansaria.

...Casablanca é bonitinha, mas bem diferente do filme "Casablanca"... As mulheres mais do povo não carregam véu. É engraçado vê-las com manto, véu, e vestido às vezes curto, aparecendo sapatos tipo Carmem Miranda (e sôquete). A cidade não tem muita marca oriental, é cheia de soldados americanos, franceses e ingleses.

...Estive em Lisboa meio chateada, contando os minutos, as horas e os dias. Mas tudo passa — é essa

a minha convicção mais moderna. Aqui conheci várias pessoas simpáticas. Muitas snobíssimas, de feitiço duro e impiedoso, embora sem jamais fazer maldades. Eu acho graça em ouvi-las falar de nobrezas e aristocracias e me ver sentada no meio delas, com o ar mais gentil e delicado que eu posso achar. Nunca vi tanta bobagem séria e irremediável como nesse mês de viagem. Gente cheia de certezas e de julgamentos, de vida vazia e entupida de prazeres sociais e delicadezas. É evidente que é preciso conhecer a verdadeira pessoa em baixo disso. Mas por mais protetora dos animais que eu seja, a tarefa é difícil. No meio de tudo, encontram-se porém pessoas verdadeiramente interessantes e simpáticas.

Roma, 9 de maio de 1945

Hoje de tarde posei a última vez para De Chirico. Ele é famoso no mundo inteiro, tem quadros em quase todos os museus. O meu é pequeno, está ótimo, uma beleza, com expressão e tudo.

...E enquanto ele estava pintando apareceu um comprador. Ele naturalmente não vendeu... O meu retrato é só da cabeça, pescoço e um pouquinho de ombros. Tudo diminuído. Posei com aquele vestido de veludo azul da Mayflower.

Tudo isso misturado ao cansaço e a uma saudade horrível. Mas resolvi não falar hoje de saudade, nem dar a entender 'saudade' por carinho... Senão eu me derramaria demais e perderia o equilíbrio que é tão necessário pelo menos para se dormir de noite. É melhor ir na onda dos jantares, das comemorações e das besteiras.

Uma das coisas de que eu estou surpreendida e vocês certamente também é que no bilhete de hoje de manhã falei no fim da guerra. Eu pensava que quando ela acabasse eu ficaria durante alguns dias zonzona. O fato é que o ambiente influi muito nisso. Aposto que no Brasil a alegria foi maior. Aqui não houve comemorações senão feriado ontem, é que veio tão lentamente esse fim, o povo está tão cansado (sem falar que a Itália foi de algum modo vencida) que ninguém se emocionou demais. Naquele filme "Wilson" vocês viram a parte natural do fim da guerra de 14: uma alegria doida. Mas agora não. Eu estava posando para De Chirico quando o jornalista gritou: "É finita la guerra!" Eu também dei um grito, o pintor parou, comentou-se a falta estranha de alegria da gente e continuou-se. Daqui a pouco perguntei se ele gostava de ter discípulos. Ele me disse que sim e que pretendia ter quando a guerra acabasse... Eu disse: mas a guerra acabou! Em parte a frase dele vinha do hábito de se repeti-la, e em parte do fato de não se ter mesmo a impressão exata de um alívio.

Nápoles, 1 de setembro de 1945

... Quanto a não poder conversar direito pelas cartas, isso é uma fatalidade e tem que ser por toda a vida...

É melhor a gente se habituar. Mesmo pessoalmente é difícil conversar, mesmo quando a conversa é entre duas irmãs que se gostam e se entendem. Mil sentimentos atrapalham, como seja o amor mesmo, a desconfiança de que se esteja vagamente mentindo, a vontade de convencer, etc. Não ligue a mim,

não se preocupe. Vou escrever de agora em diante cartas mais alegres.

Tudo o que eu tenho é a nostalgia que vem de uma vida errada, de um temperamento excessivamente sensível, de talvez uma vocação errada ou forçada, etc. Que importa na verdade se por carta não se pode falar direito?

Meus problemas são os de uma pessoa de alma doente e não podem ser compreendidos por pessoas, graças a Deus, sãs.

Florença, 26 de novembro de 1945

Eu tenho tido exaurimento cerebral enorme. Passo épocas irritada, deprimida. Minha memória é uma coisa que nem existe: de uma sala para outra eu esqueço com naturalidade as coisas.

Tenho receio de ficar permanentemente fatigada. Eu procuro fazer o que se deve fazer, e ser como se deve ser, e me adaptar ao ambiente em que vivo — tudo isso eu consigo, mas com o prejuízo do meu equilíbrio íntimo, eu o sinto. Quanto a Florença, é uma maravilha. É verdade que eu imaginei mais bonita ainda. Mas é um lugar ideal. Toda a minha angústia quando eu vejo coisas é que vocês não estão vendo comigo. E eu não sei descrever. Vi coisas de Michelangelo, de Boticelli, de Rafael, de Benvenuto Cellini, de Brunelleschi, de Donatello que eu gosto mais do que Michelangelo, de muitos outros. Vi o palácio dos Medici, os aposentos deles, mil coisas. Tudo isso abafa muito e eu chegava a ter uma impressão de alívio quando sabia que uma certa galeria estava ainda fechada por causa da guerra porque isso me impedia de ver. Todas essas coisas

que eu vi me dão um certo tipo de experiência que talvez continue sempre indecifrável (— uma pedra no caminho, diria talvez Carlos Drummond de Andrade). A cidade toda vive do passado, da tradição — e materialmente (em tempos normais, nos quais ainda não estamos) de turismo. Estamos num hotel requisitado, a janela do nosso quarto dá para o rio Arno. Tem ruas estreitinhas, antigas, quase escuras. Está fazendo frio, mas ainda não neva — eu nunca vi neve.

No cemitério de Pistóia tiramos uns retratos. Como eu estava distraída, por causa do ambiente, me esqueci de fazer uma cara melhor para vocês. Saí em todas de cabeça baixa ou baixíssima, distraída... Perto da igreja de Santa Maria Novella, ainda medieval, tiramos um retrato em que sorri para vocês — e acontece que o sorriso não iluminou meu rosto... Eu posso estar rindo por dentro e não aparece por fora...

Roma, 3 de dezembro de 1945

...Estou escrevendo para dizer que me sinto muito bem, que estou me divertindo em Roma e que só de olhar para mim se vê que eu estou mais repousada. Todos dizem isso e me sinto assim. A gripe melhorou. Tenho conhecido pessoas interessantes, como uma grande pintora, Leonor Fini.

Berna, 29 de abril de 1946

Berna é de um silêncio terrível: as pessoas também são silenciosas e riem pouco. Eu é que tenho tido acessos de riso.

Wainer¹ disse que em Berna é diariamente domingo... Que ele não suportaria Berna se nós não estivéssemos aqui. Ele achou cacetíssima a cidade e sem caráter...

Berna, 5 de maio de 1946 — 4 horas, domingo.

É uma pena eu não ter paciência de gostar de uma vida tão tranqüila como a de Berna. É uma fazenda. No domingo, como hoje, passou um grupo do Exército da Salvação, homens e mulheres cantando em coro, com voz bem calma e afinada, sem vergonha. Às vezes se vêem camponesas, de alguma cidadezinha perto, vestidas com os trajes regionais, o rosto vermelho, honesto, com olhos azuis — os olhos são tão honestos que nem parecem observar. E os camponeses com roupas de ombros estreitos, nariz corado. E o silêncio que faz em Berna — parece que todas as casas estão vazias, sem contar que as ruas são calmas. Dá vontade de ser uma vaca leiteira e comer durante uma tarde inteira até vir a noite, um fiapo de capim. O fato é que não se é a tal vaca, e fica-se olhando para longe como se pudesse vir o navio que salva os naufragos. Será que a gente não tem mais força de suportar a paz? Em Berna ninguém parece precisar um do outro, isso é evidente. Todos são laboriosos. É engraçado que pensando bem não há um verdadeiro lugar para se viver. Tudo é terra dos outros, onde os outros estão contentes. É tão esquisito estar em Berna e é tão chato este domingo... Parece com domingo em São Cristóvão. Mas a prática termina ensinando que jamais se deve

1. O jornalista Samuel Wainer.

no domingo ir de tarde ao cinema, deve-se sempre ir de noite, porque se fica esperando pela noite... É o caso de hoje, embora não haja filme direito para ver. Hoje depois do almoço fomos ver os ursos de Berna. Os ursos são o símbolo da cidade; quando se ia fundar a cidade encontrou-se um urso, isso foi considerado como bom augúrio e ali mesmo fundou-se Berna, onde é agora Barengraben, caverna dos ursos. Dá-se comida aos ursos e para eles ganharem comida eles procuram fazer gracinhas — gracinhas de urso... É muito bonito. Mas num domingo... Parece que num domingo a gente deve fazer coisas grandiosas. Por exemplo, eu ia passar um domingo com vocês. Esta carta é bestinha, é carta de domingo, soa a 'ajantarado' e a folga de empregada... e a mosca voando... Na verdade quando eu escrevo carta eu estou com um anzol compridíssimo cuja isca bate no Rio de Janeiro para pescar resposta.

*

Eu infelizmente sou um espírito cansado e 'blasé', pouca coisa me entusiasma, eu bebi demais na literatura. Mas como deixar por exemplo de ler e escrever por um tempo? No caminho em que eu entrei eu tenho que aprofundar ao máximo até meus defeitos, quanto mais tempo passar mais enfronhada eu deverei estar no que eu faço — só assim conseguirei um arremedo de perfeição. Só tenho na verdade interesse e esperança em certas pessoas, em conhecer certas pessoas. O mundo me parece uma coisa vasta demais e sem síntese possível. Até Dilermando ficou em Nápoles, haveria enormes dificuldades de transporte para o coitadinho. Não posso ver um cão na rua, nem gosto de olhar. Você não sabe que revelação foi para mim ter um cão, ver e

sentir a matéria de que é feito um cão. É a coisa mais doce que eu já vi, e cão é de uma paciência para com a natureza impotente dele e para com a natureza incompreensível dos outros... E com os pequenos meios que ele tem, com uma burrice cheia de doçura, ele arranja modo de compreender a gente de um modo direto. Sobretudo Dilermando era uma coisa minha que eu não tinha que repartir com ninguém.

Temos ido como sempre ao cinema e saio meio tonta do cinema, de tal forma estou sempre disposta a perder a consciência das coisas e a me entregar à inconsciência. Seria muito bom um emprego de ir todos os dias ao cinema e depois não dizer se gostou ou não gostou. Quanto ao mais, nada propriamente. Sou como o papagaio da anedota: não falo, mas penso muito, presto muita atenção.

Hoje é domingo, e não sei por que, todo domingo é pé de cachimbo. As bernenses até ficam engraçadinhas no verão. No inverno, parece que a cidade é de monstros, todos vestem milhares de roupas grossas, e meionas. Uma das coisas mais horríveis do vestuário das bernenses, no verão ou no inverno, é o chapéu. São os chapéus mais esquisitos, mais altos, enormes, grossos e de forma estranha que tenho visto. E dentro do chapelão uma cara séria, sem vaidade, e muitas vezes com papo no pescoço; nas jovens, o papo é bem ligeiro ainda e dá até certa graça, o pescoço parece redondo e como elas são brancas, pode-se dizer: são pescoços redondos e brancos. Vocês nunca experimentaram o que é receber cartas quando se está fora, sobretudo fora como eu, inteiramente fora: pergunta-se sem esperança mas cheia de esperança e quase certeza: há cartas para mim? E se respondem: chegou esta — então eu

fico boba de surpresa e de reconhecimento. Que é que há sobre "O Lustre"? Espero sempre notícias.

Berna, 8 de maio de 1946

...Eu estou bem. O tal vento que dá aqui e que faz mal a certas pessoas, me irrita às vezes, ao que parece — se é que eu preciso de vento para me irritar ou para voar... Mas tudo está bem. Estou trabalhando, mal ou bem, falta ainda o sentido do livro, uma razão mais forte para ele existir — aos poucos é que esta irá subindo à tona, à medida em que eu for trabalhando. O que tem me perturbado intimamente é que as coisas do mundo chegaram para mim a um certo ponto em que eu tenho que saber como encará-las, quero dizer, a situação de guerra, a situação das pessoas, essas tragédias. Sempre encarei com revolta. Mas ao mesmo tempo que sinto necessidade de fazer alguma coisa, sinto que não tenho meios. Você diria que eu tenho, através do meu trabalho. Eu tenho pensado muito nisso e não vejo caminho, quer dizer, um caminho verdadeiro. Talvez eu não esteja vendo o problema maduro, pode ser que a solução venha daqui a anos, não sei.

*

...Não escrevi uma linha, o que me perturba o repouso. Eu vivo à espera de inspiração com uma avidez que não dá descanso. Cheguei mesmo à conclusão de que escrever é a coisa que mais desejo no mundo, mesmo mais que amor.

*

...Tenho lido bastante, tenho ido à Biblioteca Pública, tenho trabalhado como posso. A crítica de Alvaro Lins me abateu bastante, tudo o que ele diz é verdade, causada ou não por uma inimizade que ele tem por mim, seja ou não uma crítica escrita em cima da perna. Ao lado disso o que ele diz é verdade, ela não me compreendeu. Mas isso não tem importância. Recebi carta de Fernando Sabino, de Nova York, ele diz que não compreende o silêncio em torno do livro. Também não compreendo, porque acho que um crítico que elogiou um primeiro livro de um autor, tem quase por obrigação anotar pelo menos o segundo, destruindo-o ou aceitando. O terceiro é de que ele não precisa falar, se quiser. Gostaria muito de ler uma crítica de Antônio Cândido. Ele escreveu? Em todo o caso, já passei por cima da crítica de Alvaro Lins, embora a leve a sério. De um modo geral, é preciso fazer como o homem que dava todo dia uma surra na mulher porque algum motivo teria de haver. Mesmo que Alvaro Lins não saiba porque 'dá a surra', eu aceito porque um motivo e vários devem existir e eu mereço.

*

...Não sei se tenho trabalhado: meu trabalho não tem aparecido. Acho que ele consiste na maior parte do tempo em me vencer. Em vencer meu cansaço e minha impotência. Acho que meu trabalho de elaboração é tão exaustivo que eu depois não tenho o ímpeto e a força da realização. É um trabalho acima de minhas forças, eu diria, se ao mesmo tempo não visse que o que eu escolho para fazer é a única coisa que posso. Se isso se chama poder. O que me atrapalha é que vivo permanentemente cansada. O trabalho está desorganizado, está muito ruim, muito confuso. Material eu tenho sem-

pre e em abundância, em enorme abundância. O que me falta é o tino da composição, quer dizer, o verdadeiro trabalho. Minha tendência seria a de pensar apenas e não trabalhar nada. Mas isso não é possível. O trabalho de compor é o pior. Eu gasto muito de minhas forças procurando formar uma vida severa e austera, procurando me esvaziar de pequenos prazeres — só assim se consegue o tom de vida que eu gostaria de ter. Mas é exaustivo também. Eu gostaria de ter um aparelho matemático que pudesse ir marcando com absoluta justeza o momento em que eu progredi um milímetro ou regredi outro. Minha impressão é a de que eu trabalho no vazio, e para não cair eu me agarro num pensamento e para não cair desse novo pensamento eu me agarro em outro. É essa a minha vida mental. Na parede de meu quarto pendurei várias frases. Uma delas é assim, dita por Kafka: "Há dois pecados capitais humanos donde decorrem todos os outros: a impaciência e a preguiça. Por causa da impaciência, os homens foram expulsos do paraíso. Por causa da preguiça, eles não voltam. Talvez haja apenas um pecado capital: a impaciência. Por causa da impaciência, eles foram expulsos do paraíso, por causa da impaciência eles não voltam." Outra: "A inspiração é o mais alto momento de uma atenção sem defeito." Outra: "Nadar contra a corrente só serve em casos raros que é preciso reconhecer, senão, fazer-se de 'prancha', manter-se à superfície, deve ser a política de um homem que quer aproveitar o mistério das correntes." Eu mesma vivo me levantando e caindo de novo e me levantando. Não sei qual é o bem disso, sei que é dessa forma confusa de vida que eu vivo. Você não imagina quanto eu sou infantil nisso: meu desejo mais obscuro era dar minha cabeça para

alguém dirigir, que alguém me dissesse todos os dias: hoje faça isso, hoje corte isso, hoje aperfeiçoe isso, isto está bom, isto está ruim. Uma pessoa que quisesse 'tomar minha direção' seria bem-vinda... Eu nunca sei se quero descansar porque estou realmente cansada, ou se quero descansar para 'desistir'.

Estou bem de saúde, só cansada, sem motivo. Vai haver vários concertos na Catedral com música de Bach, Haydn, Mozart, cantada. Se eu fosse mais simples, aproveitaria de tudo mais. O pior é esse hábito mental em que caí de querer transformar tudo em ouro.

*

...Infelizmente meus ciclos de humor não têm um ritmo tão largo como as "Seleções do Reader's Digest" prevêem. Não é de 33 em 33 dias que 'desço', é diariamente que desço e subo. E pior: passo às vezes semanas inteiras sem conseguir subir um pouco sequer. Perdi de tal forma a coragem e o ânimo que já nem me queixo. Posso passar horas sentada numa poltrona, sem mesmo um livro na mão, sem mesmo o rádio aberto — só sentada, esperando que passem as horas e que venham outras iguais. Esta Suíça é um cemitério de sensações... Só Deus mesmo sabe que tempo cinzento eu tenho passado, que falta de tudo, e de esperança. Eu odeio um pouco isto aqui. Já não sei dizer se é porque estou tão só, já nem sei se é isso, porque se eu fosse alegre poderia trabalhar e aproveitar esta solidão, mas ando tão misturada, sem um sentimento básico. Não entendo mais nada, não vejo harmonia e 'motivo' em nada. Que longa provação. Nem sei mais do que preciso, me perdi bastante... Quando acordo de manhã, me dou logo de início permissão para não

trabalhar porque isso evita uma certa dose de angústia.

*

...Desde que saí do Brasil para ir a Nápoles, desde que fui a Belém, minha vida é um esforço diário de adaptação nesses lugares áridos, áridos porque vocês não estão comigo. A última verdadeira linha que escrevi foi encerrando em Nápoles "O Lustre", que estava pronto no Brasil. Desde então, não tenho cabeça para mais nada, tudo que faço é um esforço, minha apatia é tão grande, passo meses sem olhar sequer meu trabalho, leio mal, faço tudo na ponta dos dedos, sem me misturar a nada. Vai fazer três anos disso, três anos diários.

*

...Eu mesma tenho vencido, como posso, minhas dificuldades e minhas hesitações, e descoberto traços em mim, antes nem sonhados. Por exemplo, fico surpreendida em notar que tenho o que se chama 'caráter fraco' (não no pior sentido do termo, felizmente...). E, como lhe disse numa carta passada, eu sonho acordada, mesmo como uma mocinha de quinze anos. É o que se chama de sonho estéril. Imagino conversas, imagino situações e cenas — pareço nunca ter tido nenhuma experiência. Estou trabalhando esses últimos dias mais ou menos bem.

Raul Bopp, que trabalha em Zurich, me mandou uma página do suplemento de "O Jornal", a página onde estava "Perseu no Trem". Assim, pela primeira vez via a página inteira. Fiquei surpreendida de como este suplemento é vagabundo. E fiquei um pouco surpreendida também de ver que eles publicavam minhas coisas na terceira página de um suplemento. Trabalhei em jornal e sei que a terceira

página de um jornal é ótimo lugar; a terceira página de um suplemento é o lugar mais vagabundo do jornal (a menos que o suplemento, no "O Jornal", conste apenas da terceira página do mesmo). Não quero que você interprete minha surpresa como vaidade. Mas fico me sentindo como intrusa — mandando coisas que eles não ligam.

*

...Aqui tudo igual. Eu lutando com o livro, que é horrível. Como tive coragem de publicar os outros dois? não sei nem como me perdoar a inconsciência de escrever. Mas já me baseei toda em escrever e se cortar este desejo, não ficará nada. Enfim é isso mesmo.

*

...eu sempre fui assim, difícil, melancólica? Acho que a resposta é positiva, infelizmente. Procurei me ocupar, me ofereci para trabalhar na Cruz Vermelha. Ainda não tenho resposta, mas parece que será negativa pois eles só aceitam suíços — e a Cruz Vermelha Internacional, onde aceitariam estrangeiros, fica em Genebra.

Não tenho trabalhado em nada e, infelizmente, por maiores esforços que faça, nem ler consigo. Já gostaria de receber as provas de "A Cidade Sitiada", e endireitar tudo o que há a endireitar.

Berna, 12 de maio de 1946

Eu tentei deixar de fumar. Acontece porém que se eu não fumar fico sem nenhuma couraça. Fico feito criança, de uma sensibilidade terrível. Eu tenho resolvido muita coisa com um cigarro... Cigarro me

dá paciência. Mas estou fumando menos. Não sei se pelo cigarro ou porque gasto muito a cabeça pensando, repensando e me preocupando e resolvendo mentalmente todos os problemas, estou sem memória. Aliás, o médico disse que estou perdendo fôfato. Fomos ver ontem de tarde um filme de Carmem Miranda e de noite encontramos uma pessoa que nos falou do filme e eu disse com a maior calma: é sim, nós vimos um dia desses esse filme. E fiquei boba quando 'soube' que tinha sido nessa mesma tarde. Mas estou fumando menos. Mas como não fumar? O calor humano é tão parco... Eu fumo então.

Então fomos visitar o ministro e família. Eles todos são ótimos. Só que são de outra espécie absolutamente. A senhora é o tipo da boa senhora, de boa família, simples, boazinha. Mas eu vivo me contendo para não abrir a boca porque tudo o que eu digo soa 'original' e espanta. Quero explicar o 'original'. Esta senhora tem pavor de original. Fomos ver uma exposição de modelos de Viena (sem grande graça) e ela dizia: esse modelo é original mas é bonito. Falando de uma senhora inglesa que fazia muito esporte: ela é original, não gosto. Original é um palavrão. E quando eu quero dizer que não posso abrir a boca para não ser 'original', quero dizer que se digo: que dia bonito, isso soa original. Quando falo, aliás, eles acham muita graça, ficam espantados, riem. E também procuro não me revelar. Por exemplo, ela que é simples realmente, me disse: aquela casa de chá defrente do hotel me disseram que é mal freqüentada. Isso me avisando depois de eu ter dito que ia lá. A casa de chá é muito bonitinha, com gente honesta comendo doce. O que se chama 'mal freqüentada' é que não é freqüentada pelos diplomatas e finuras da sociedade

bernense. Então eu fecho a boca para não dizer que continuo a freqüentar. Os outros são simpáticos também. Mas eu me encontro com eles nos pontos em que começo a mentir. O que não importa, afinal.

O que eu estou tentando é negacear o empréstimo de meu livro, para não 'feri-los'. Porque eu estou classificada dentro da 'pintura moderna'.

Por enquanto são as pessoas que eu conheço. E dificilmente conhecerei mais ou melhor. Mas não importa. Estou lendo bastante, estou procurando através dos livros chegar a uma conclusão sobre as coisas que me parecem tão confusas como nunca.

Continuo a achar a cidade muito bonitinha. Há passeios deliciosos à beira do rio Aar. Se isso é nome de rio. É um rio muito sinuoso, muito caudaloso, e brilhante. Há um jardim zoológico e se há uma coisa que eu adoro é ver bicho. Só não tenho um cachorro aqui porque nunca mais terei cachorro, para não ter que abandonar depois. Seria infidelidade com Dilermando, o pobre napolitano. Enfim, a vida pode ser muito agradável aqui, muito pacífica; pode-se trabalhar, passear, e com um carro conhecer a Suíça. Naturalmente tem dias em que o coração está anuviado, nem dias: durante um só dia tudo fica claro e tudo fica escuro e de novo tudo claro. O que é preciso é não ir demais contra a onda. A gente faz como quando toma banho de mar: procura subir e descer com a onda. Isso é uma forma de lutar: esperar, ter paciência, perdoar, amar os outros, e cada dia aperfeiçoar o dia. Tudo isso está parecendo idiota... Mas até que não é.

*

...Bom. Hoje é domingo. Houve aniversário aqui em casa. Não convidei ninguém, mas apareceu o ministro com a família. Um casal amigo também veio. Estou absolutamente chateada do casal. Não agüento mais.

Parece mentira que eu tenha achado os dois tão formidáveis. Parece mentira que minha solidão tenha sido tão grande que vendo uma pessoa falar coisas que ela não fala, fique maravilhada, tão burra fiquei com a companhia. Burrice pega mesmo. De tanto eu mentir para ser da mesma opinião dos outros, porque não adianta contrariar, fiquei lesa. Confundi as falsas moedas deles com moedas verdadeiras. Na verdade o que eles são mesmo é: best-sellers... As opiniões deles são best-sellers, as idéias deles são best-sellers. Acrescente-se a isso a falsa modéstia dela, uma vontade de ser mártir, e uma vontade best-seller de ser vítima e de ter angústias. Acresce-se a isso que ela me procura tanto que já não agüento. E de manhã, de tarde, de noite. Uma coisa que se diga a ela, fere a susceptibilidade dela, e ela passa uma noite chorando. Ela é sofisticada. Fala-se de artistas bonitos ou atraentes de cinema, ela diz com ar de Greta Garbo: nunca reparei se um artista é ou não bonito, só presto atenção no trabalho. Muito chato, meu Deus... (Essa expressão best-seller ligada a pessoas em geral é invenção de Ceschiatti, que vive descobrindo expressões perfeitas em relação às coisas.) Ela tem a mania de ter uma sensibilidade morta, que não suporta isso, não suporta aquilo. De um modo geral detesta as mulheres: acha, no fundo, que cada mulher deveria ser um cientista nobre, fala da vaidade das mulheres, e ela mesma é vaidosíssima. E tem uma intolerância com as pessoas! Enfim. Ao lado disso um nacionalismo chato, parece que ela criou a Suíça

no colo. Não posso dizer: como é bonita esta paisagem, sem que ela diga com um ar inimitável de modéstia chata: ah, oui. Se ela soubesse que penso isso dela, choraria por um mês. Mas acho sinceramente que basta mentir, mentir, mentir, como faço todos os segundos desta vida. Pelo menos penso mais livremente, o que tem acontecido muito pouco, porque estou perdendo a noção de outros horizontes. Por economia de esforço e de dor, tenho me parecido com a primeira pessoa que fica junto de mim. Enfim.

Lausanne, 13 de julho de 1946

...escrevo de Lausanne, sentada no parapeito do Lago Lemán. Perto tem uma orquestra com uma mulher tocando violino, uma marcha meio valsa, meio militar. Junto tem um hotelzinho estreito chamado Hôtel du Port. Há montanhas a pique na outra margem do lago. Há uma fontezinha dividida em três ramos sobre uma bacia de pedra. Há uma criança comendo um biscoito. Uma mulher de chapéu branco num barco. Vocês quase que podem adivinhar que é sábado de tarde. O lago é de água doce e tem um cheiro gostoso de água. O lago é enorme e transparente. Junto de mim é esverdeado. Mas do meio para o fim está da cor do céu e a montanha mesmo está da cor do céu. Hoje à noite vai ter uma festa noturna no lago, sobre um barco. No banco está sentada uma mulher com o chapéu preto e fibra branca enterrado até os olhos como em 1920 e tanto, lendo jornal. Isso que eu estou sentindo pode-se chamar de felicidade. Só que a natureza se faz tão estranha que o próprio momento de

felicidade é de temor, susto e apreensão. É pena que não se possa dar o que se sente, porque eu gostaria de dar a vocês o que sinto como uma flor.

Compreendo que ontem em Berna, quando recebi carta de vocês, ficasse tão aflita. Talvez fosse alegria — e de não poder dar esta mesma alegria naquele mesmo instante. Um momento muito forte como o de ontem sempre arrasta tudo para ele: ...arrastou todos os meus pecados que Deus não precisa castigar porque deles mesmo vem o castigo. Pecado de egoísmo, de indecisão, pecado de deixar morrer gente de fome e comer, pecado de não entender o mundo, pecado de amar demais, pecado de não saber amar. Vi um filme idiota onde o rapaz dizia: "Eu gosto de você. E a moça dizia: eu sei mas não gosto do jeito pelo qual você ama as pessoas." Eu sei, é preciso dar muito mais do que dou. É também da minha natureza carregar nos ombros a culpa do mundo. Se todos sentissem isso talvez saísse um novo mundo. Uma pessoa só pode apenas sucumbir. Foi isso que fiz chorando no cinema e aliviando uma mágoa confusa. O início disso tudo foi a carta de vocês que eu botei junto do coração para sentir o calor dela e dormi assim, e mesmo agora, sentada junto ao lago tenho a carta na mesma posição, com o envelope me arranhando um pouco. Não incomoda, é como um aperto de mão um pouco mais forte. Agora tem um passarinho se aproximando da fonte. E dois meninos passaram, me olharam e continuaram a falar em francês. Fomos há pouco ver uma exposição de pintura holandesa de Van Gogh para cá. Eu estava vendo pacificamente com a cabeça. De repente vi um pequeno quadro, "Vers le Soir", de um pintor chamado Karsen. Esse quadro finalmente me dominou. É uma casa ao cair da noite. Não posso descrever.

Tem umas escadas, umas heras, o branco é azulado e tudo um pouco escuro, tem umas estacas — é um fim de caminho com mato. Gosto de muitas coisas, mas de repente uma coisa é o que a gente está vendo, vendo, e acima dela não existe mais nada, pelo menos por um instante, não sei se estou me explicando bem.

Toda esta carta foi uma tentativa malograda de tirar o retrato deste lugar junto do Lago Lemman, porque esqueci de trazer a máquina. E aproveitei a ausência da máquina para tirar o retrato deste momento também.

Que Deus abençõe vocês e lhes dê uma alma luminosa. A paz, esteja com vocês, minhas queridas.

Berna, 26 de novembro de 1946²

...Titia Clarice gosta muito mesmo de você. Gosta tanto que vai contar uma 'historieta' que aconteceu com o Menino de Sá. Você se lembra dele? Pois o Menino de Sá tinha muitas sardas e era um bom menino. Ele adorava abóbora. Ele comia uma abóbora inteira e ainda dizia: quêlo mais, quêlo mais! Um dia ele abriu uma abóbora e ia começar a comer quando viu um bichinho andando dentro. Ele foi ver melhor e viu que não era um bichinho. Imagine, querida, que o bichinho era um menininho do tamanho do dedo polegar. Ele estava vestido com um paletó e calças compridas e tinha na cabeça um chapeuzinho com uma pena maior do que ele. Menino de Sá ficou olhando admirado. E ficou ainda mais admirado quando viu o homenzi-

2. Carta à sobrinha Márcia.

nho pequeno tirar do bolso da calça uma aboborazinha muito pequena e começar a comer. (O menino que morava dentro da abóbora se chamava Aboborico.) Menino de Sá ainda ficou mais admirado quando viu o Aboborico abrir a aboborazinha do bolso e quando viu que da aboborazinha de Aboborico saiu um menino ainda menor do que Aboborico. Esse menininho tinha o tamanho de uma pulga e se chamava Bibirico. Menino de Sá ficou ainda mais admirado quando viu que Bibirico tirava do bolso uma aboborazinha ainda menor. Bibirico abriu a aboborazinha e de dentro saiu um menininho tão pequeno, tão pequeno, que Menino de Sá foi buscar uns óculos para ver melhor. Esse menininho que estava dentro da abóbora de Bibirico que estava na abóbora de Aboborico que estava na abóbora de Menino de Sá, se chamava Biriqiqui. Menino de Sá ficou muito admirado e perguntou: o que é que vocês são? Então Aboborico, Bibirico e Biriqiqui responderam com uma voz muito fininha: nós somos parentes. Menino de Sá perguntou: parentes como? Então Aboborico respondeu: eu sou o pai de Bibirico e sou o avô de Biriqiqui, e a abóbora é nossa casa. Menino de Sá respondeu: como eu gosto da casa de vocês, gosto de vocês. Então Menino de Sá, Aboborico, Bibirico e Biriqiqui ficaram muito contentes, cantaram juntos e depois cada um comeu sua abóbora.

Berna, 2 de janeiro de 1947

Quando saí, tinha nevado muito, estava uma beleza. E eu levei meu batismo de verdadeira neve: levei um daqueles tombos, que nem passarinho baleado. Se não fosse alguém me segurar um pouco,

minha cabeça bateria com força no chão. Me levantei e fui para o carro. Mas com o choque da queda violenta, o controle da emoção do telefonema desorganizou-se e eu fiquei tão lassa para o resto da noite que teve um momento, antes da meia-noite, que adormeci ligeiramente na cadeira... A casa onde estava ficava junto da Catedral: os sinos antes tocam pelo ano velho, param, e tocam à meia-noite pelo ano novo. Vestimos os casacos, abrimos a janela, e tudo estava branco, com os sinos batendo como se fosse dentro de casa. Pedi a Deus que nos desse muita saúde e felicidade; não pedi coisas demais para não confundir Deus, que à meia-noite de ano novo está tão ocupado. Depois se botou na vitrola uns discos brasileiros, e dançamos Tico-Tico no Fubá, etc. Eu dançando mole, de veludo, decotada, na Suíça, Tico-Tico no Fubá, ano novo... que mistura estranha. Ainda me cumprimentaram pela queda, porque diz que é bom cair no dia 31, no fim do ano velho, porque quer dizer que a coisa ruim aconteceu no velho e que o ano novo está limpo...

...Em abril parece que D. Noêmia vai dar um jantar seguido de dança. Fomos convidados para a dança chata. Como será primavera, não quero botar vestido de veludo. Comprei uma fazenda maravilhosa há uns tempos, por amor à primeira vista, e sem necessidade: uma fazenda furta-cor, espécie de tafetá, que tem ora cor púrpura ora negra, uma coisa linda. Mas não queria gastá-la agora ainda... Como tenho uma blusa de renda negra, acho que farei uma saia de tule preto, bem ampla, que me servirá depois com futuras blusas. Que tal? Não sei de nada.

...Eu também fui ao circo, mas não desmaiei. Aliás não me adianta quase ir ao circo... vejo as coisas mais maravilhosas e... não acredito, simplesmente não acredito, e nem me espanto. No dia

seguinte ao circo se me perguntarem se é possível alguém 'ficar de pé' sobre um dedo da mão, eu direi imediatamente que é impossível, apesar de ter visto. Acho em mim mais facilidade para acreditar em almas do outro mundo... Acredito mais no sobrenatural do que na realidade extraordinária...

*

• ...Não pense que a pessoa tem tanta força assim a ponto de levar qualquer espécie de vida e continuar a mesma. Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso — nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro. Nem sei como lhe explicar minha alma. Mas o que eu queria dizer é que a gente é muito preciosa, e que é somente até um certo ponto que a gente pode desistir de si própria e se dar aos outros e às circunstâncias. Depois que uma pessoa perder o respeito a si mesma e o respeito às suas próprias necessidades — depois disso fica-se um pouco um trapo.

Eu queria tanto, tanto estar junto de você e conversar, e contar experiências minhas e de outros. Você veria que há certos momentos em que o primeiro dever a realizar é em relação a si mesmo. Eu mesma não queria contar a você como estou agora, porque achei inútil. Pretendia apenas lhe contar o meu novo caráter, ou falta de caráter, um mês antes de irmos para o Brasil, para você estar prevenida. Mas espero de tal forma que no navio ou avião que nos levar de volta eu me transforme instantaneamente na antiga que eu era, que talvez nem fosse necessário contar. Querida, quase quatro anos me transformaram muito. Do momento em que me resignei, perdi toda a vivacidade e todo interesse pelas coisas. Você já viu como um touro castrado se transforma num boi? assim fiquei eu... em que pese a dura

comparação... Para me adaptar ao que era inadaptable, para vencer minhas repulsas e meus sonhos, tive que cortar meus grilhões — cortei em mim a forma que poderia fazer mal aos outros e a mim. E com isso cortei também minha força. Espero que você nunca me veja assim resignada, porque é quase repugnante. Espero que no navio que nos leve de volta, só a idéia de ver você e de retomar um pouco minha vida — que não era maravilhosa mas era uma vida — eu me transforme inteiramente.

Uma amiga, um dia desses, encheu-se de coragem, como ela disse, e me perguntou: você era muito diferente, não era? Ela disse que me achava ardente e vibrante, e que quando me encontrou agora se disse: ou esta calma excessiva é uma atitude ou então ela mudou tanto que parece quase irreconhecível. Uma outra pessoa disse que eu me movo com lassidão de mulher de cinquenta anos. Tudo isso você não vai ver nem sentir, queira Deus. Não haveria nem necessidade de lhe dizer, então. Mas não pude deixar de querer lhe mostrar o que pode acontecer com uma pessoa que fez pacto com todos, e que se esqueceu de que o nó vital de uma pessoa deve ser respeitado. Ouça: respeite a você mais do que aos outros, respeite suas exigências, respeite mesmo o que é ruim em você — respeite sobretudo o que você imagina que é ruim em você — pelo amor de Deus, não queira fazer de você uma pessoa perfeita — não copie uma pessoa ideal, copie você mesma — é esse o único meio de viver.

Juro por Deus que se houvesse um céu, uma pessoa que se sacrificou por covardia — será punida e irá para um inferno qualquer. Se é que uma vida morna não será punida por essa mesma mornidão. Pegue para você o que lhe pertence, e o que lhe pertence é tudo aquilo que sua vida exige. Parece

uma moral amoral. Mas o que é verdadeiramente imoral é ter desistido de si mesma. Espero em Deus que você acredite em mim. Gostaria mesmo que você me visse e assistisse minha vida sem eu saber. Isso seria uma lição para você. Ver o que pode suceder quando se pactuou com a comodidade de alma.

*

...Ando em nova onda de apatia, o que é coisa velha... chego a pensar que nem a volta para o Brasil me dará um jeito. Mas sonho com ela. Em agosto teremos cinco anos de exterior. Não são cinco dias. Cinco anos de não saber o que fazer, cinco anos durante os quais, dia a dia, me perguntei como perguntava a vocês: que é que eu faço? Para vocês terem uma idéia do que tem sido minha vida durante esses anos: para mim todos os dias são domingo. Domingo em São Cristóvão, naquele enorme terraço daquela casa. A pessoa, individualmente, perde tanto de sua importância, vivendo assim, fora, em ócio. A vida começa a parar por dentro, e não se tem mais força de trabalhar ou ler. Só chaleira fervendo é que levanta a tampa. A Europa é o mundo, é da Europa que ainda saem as melhores coisas. Eu não conheço ninguém e me sinto esmagada por essa entidade abstrata que não consegui concretizar em nenhum amigo. Berna é um túmulo, mesmo para os suíços. E um brasileiro não é nada na Europa. A expressão mesmo é: estou esmagada. No Brasil comecei a encontrar meu equilíbrio quando me empreguei, quando comecei a ter horário. Acabado o ócio, comecei a trabalhar de manhã para mim, e tudo começou a funcionar. O pior é que estou ficando tão embotada: às vezes nem entendo o que leio. Acho que a culpa é da excessiva solidão, e dessa longa tarde de domingo que dura anos.

*

...Não tenho escrito porque tudo aqui está tão, tão chato, que até escrever é um esforço. Queira Deus que vocês nunca conheçam esses longos dias vazios, quando tudo tem tão pouco interesse que se tem a impressão de que se está fazendo hora!!! Fazendo hora para o quê? nem sei mais.

*

...Para mim, sinceramente, já não creio que adianta uma mudança. Minha impressão é que minha força de desejar, de um modo geral, já se esgotou. Mas de todo jeito estou com grande esperança.

*

...Ontem comprei três discos: "O Pássaro de Fogo", de Stravinski, a "Valsa", de Ravel, e a "Sonata Patética".

*

...Anteontem houve uma recepção dada por Eva Peron, que nas ruas de Berna recebeu um tomate de um cidadão — o tomate lançado com violência não chegou porém a atingi-la. Em Lucerna jogaram uma pedra. Ela é muito bonita mesmo e deve andar ligeiramente desgostosa em ver que nem todo o mundo gosta dela...

*

...Tenho que me lembrar que tudo que consegui na vida foi à custa de ousadias, embora pequenas. Quando a gente cai nessa atmosfera de indecisão, se sente perdida.

*

...Tanta demora em responder suas duas últimas cartas — escrevi no mínimo umas três e rasguei-as porque pretendo 'rasgar' também todo e qualquer sentimentalismo e deixar os outros em paz... Tentarei, por todos os meios — e que Deus me ajude nisso porque preciso — tentarei por todos os meios exigir menos amor e atenção dos outros, e também exigir menos que as pessoas se deixem amar... Mas é melhor deixar de mais considerações, senão também esta carta será rasgada...

*

...Fiquei contente em Marcinha perguntar quando volto. Diga a ela que talvez no começo do ano que vem estejamos lá. Diga a ela que esses anos todos pingaram gota a gota e que eu por assim dizer contei uma por uma — mas que ao mesmo tempo passaram incrivelmente depressa porque um só e único pensamento ligou-os: esse tempo todo foi como o desenvolvimento de uma só idéia: a volta. Diga a ela que não espere, por isso, me ver voltar aos pulos de alegria e aos risos: nunca se viu ninguém sair de prisão aos risos: a alegria é muito mais profunda, e também o tempo de contenção e a obrigação de paciência ensinam a calma.

*

...Sei que minha amizade é uma carga, e não é por causa do livro que estou dizendo isso: é porque o amor e a amizade às vezes são uma carga para quem os recebe. Assim é que possivelmente a alegria que você me deu em querer ler meu livro, seja um peso para você. Na verdade fiquei mais animada, recomencei a trabalhar. Espero em breve aprontá-lo e poder copiá-lo definitivamente.

*

Paris, janeiro de 1947

...Não sei se estou louca por Paris. É difícil dizer. Com a vida assim, parece que sou 'outra pessoa' em Paris. É uma embriaguez que não tem nada de agradável. Tenho visto pessoas demais, falado demais, dito mentiras, tenho sido muito gentil. Quem está se divertindo é uma mulher que eu não conheço, uma mulher que eu detesto. É qualquer uma. É por isso também que não tenho escrito. Não pensem que Clarice está se divertindo tanto que não tem tempo de escrever. Tempo eu tenho, mas escrever para vocês pediria uma concentração que estou evitando — porque se eu me concentrar uma vez, passo a não querer ver tanta gente e a estragar o programa.

E Paris é ótimo. Até conheci pessoas ótimas. Conhecemos Santiago Dantas, que é inteligentíssimo. Conheci melhor Augusto Frederico Schmidt e a mulher dele, almocei hoje com ela. Uma noite dessas Santiago Santos nos convidou e ao Schmidt e mulher e a filha de Tristão de Ataíde para jantar — terminamos a noite às cinco da manhã.

Berna, 13 de abril de 1947

Aqui está tudo bem. Ótimo mesmo. Com a vinda da primavera e do sol ganhei vida nova, me sinto um passarinho... Vocês não sabem que valor extraordinário tem o sol quando se passou um longo inverno cinzento. Parece que a gente nasce, e a pele bebe literalmente a claridade. Já há uns quinze dias que estou, sem interrupção, num paraíso de bom-humor e de alegria de sol, de boa vontade. A boa

vontade é um fator muito mais importante do que a gente pensa. A gente não muda um pouco de ponto de vista quanto às coisas porque tem medo de sair da própria pele e do próprio sistema. Mas às vezes basta resolver estar simples, e o milagre se realiza: tudo fica mais simples.

*

...As coisas continuam igual. Eu quase não saio, levo uma vida dentro de casa, o que não me desagrada. Quando saio gosto muito. Fico ou procuro ficar o mais tempo possível no meu quarto, o que me agrada. Procuro fazer e cumprir um programa de certa pureza, o que é difícil pelas contínuas interferências, mas não impossível. Procuro também fazer com que minha vida não seja cercada de excessos cômodos, o que me abafaria. Todas as vezes em que cedo e converso demais com as pessoas fico com uma penosa impressão de devassidão e entrega.

Berna, 6 de julho de 1948

...Não sei se você sabe que a Agir não quer ou não pode publicar meu livro — o fato é que a resposta foi negativa. De modo que estou sem editora. Estou com vontade de mandar por um rapaz o livro para o Brasil. Você dê ao Lúcio Cardoso para ler. Ele talvez arranje editora para mim. Se não arranjar, não tem importância. O que quero é que este livro saia daqui. Melhorá-lo, é impossível para mim. E, além disso, preciso com urgência me ver livre dele. Quando você der o livro ao Lúcio, não

fale para ele arranjar editora. Eu mesma escreverei talvez uma carta dizendo. Nem tenho coragem de pedir a você que o leia. Ele é tão cacete, sinceramente. E você talvez sofra em me dizer que não gosta e que tem pena de me ver literariamente perdida... Enfim, faça o que você quiser, o que lhe custar menos. Espero um dia poder sair deste círculo vicioso em que minha 'alma caiu'.

*

...A carta que recebi hoje de você trata de "A Cidade Sitiada". Tania, não posso lhe dizer como agradeço a Deus, se Deus existe, o fato de você ser minha irmã. Você é o prêmio de minha vida. Você é o sal da terra, o que lhe dá a graça. A existência de você dá um sentido à vida e a justifica. De um modo geral eu não agradeço aos céus, a amizade ou o amor. A amizade, eu sempre posso explicar, se quiser, como sendo uma coisa provocada por mim (suponhamos, sem modéstia, pela minha simpatia). O amor, eu posso explicar dizendo que foi provocado pela atração que todo o mundo tem. Mas você — eu não posso nem quero explicar — eu agradeço.

Tudo o que você diz sobre o livro está justo, ou então, outras vezes, quase justo. Vou estudar bem a questão e lhe escreverei talvez ainda nesta carta. Vou por exemplo reler o capítulo que você acha enxertado ("Os Primeiros Desertores") e ver quais as ligações. É muito provável que haja ligações. Mas eu sou uma chata que parece viver com medo de dizer as coisas claramente. Isso me lembra um personagem de Proust que era tão delicado, mas tão delicado, que para agradecer uma caixa de garrafas de vinho que recebera em presente, em vez de agradecer simplesmente — achava mais 'fino' falar em garrafas apenas, ou falar de um modo geral em 'vizinhos

simpáticos' (fora um vizinho que lhe dera o presente) — de modo que o tal vizinho nunca entendeu que estavam agradecendo o vinho.

*

...Ah, querida, que saudade de você me deu agora, só a idéia de que você sorriu desta história. — Suponho que a ligação de Perseu com o resto, é que ele não precisava, como Lucrecia, de procurar a realidade — porque ele era a realidade, ele fazia parte da verdade. A mulher de preto sentiu que ele era assim e que era inalcançável por isso, como uma criança. Perseu era o que Lucrecia não conseguiu ser. Basta como justificativa desse capítulo? ou ainda parece enxertado? — Também o fato de eu chamar S. Geraldo de subúrbio, vou estudar. Você tem razão, mas creio que vai ser talvez difícil de mudar, porque teria que mudar outras coisas também. Mas vou ver ainda. Mas vejo que você entendeu bem o que eu queria pelo fato de você na carta ter falado em 'cidadela'. — quanto ao fato de Efigênia ser invejada como pessoa, apesar de ser rústica, etc. — é mesmo pelo fato de ela não tomar parte no progresso de S. Geraldo que ela adquire importância aos olhos dos outros. Os outros sentiam o perigo em S. Geraldo progressista, e já tinham um pouco a nostalgia da 'volta' à rusticidade. O pedaço de Efigênia, além do mais, serve como preparação ao que vai se seguir: é um exemplo de uma pessoa que é a realidade, em vez de pensá-la. Ser a realidade é o máximo de espiritualidade, é o único modo de como o espírito pode viver. Perseu, aliás, em outro plano, é também uma criatura que não se perde, como Efigênia. — Quanto ao fato de eu dizer: "depois de guardar os pratos enxutos é que se iniciou a verdadeira história dessa tarde" — estou de acordo que na realidade

não houve mudanças de plano mental. Mas me refiro ao fim do capítulo, quando ela vê realmente a sala de visitas, atingindo por assim dizer um 'êxtase' de visão. Sei que você tem razão, mas não encontrei outro modo de aprofundar o plano em que as coisas se passavam (aprofundamento necessário) senão falando em "verdadeira história dessa tarde". Ainda vou estudar todos os pontos dos quais você fala, querida, e lhe escreverei o mais depressa possível, para você dar o livro ao Lúcio — estou curiosa da opinião dele também.

Berna, 19 de fevereiro de 1949

...Eu vou melhor. Imaginem que estou aprendendo a tricotar... E entrei num curso vagabundíssimo de modelagem, uma vez por semana. Estou modelando uma cabeça de... macaco. Nunca pensei ter tanta dificuldade com macacos. Quanto a jogo de cartas, não nos faltam convites para nos ensinarem. E o jogo é uma coisa mesmo muito 'diplomática' — por meio do jogo a pessoa pode ser convidada. Mas nós não queremos por uma questão quase de princípios: o jogo seria um meio fácil de sair do tédio e teria um sentido por assim dizer de morfina. Pode ser que um dia eu aprenda, mas hesitarei muito até lá. — Estou com palpite de que a Jackson não vai querer o livro — se tem que passar por tantos julgamentos, estou perdida! Aliás, uns brasileiros que passaram por aqui, disseram que ninguém mais está fazendo críticas. Que sai um livro e os antigos críticos nada falam, pois abandonaram o ofício.

Berna, 25 de março de 1949

...estou escrevendo sob o secador do cabeleireiro, me preparando para ir hoje de noite a Roma para fazer alguma roupa.

Nem sei dizer o que senti quando soube que iremos embora pro Brasil. A grande alegria é inexpressiva. Minha reação imediata foi coração batendo, pés e mãos frios. Em seguida passei a dormir mal à noite e consegui emagrecer ainda mais. Sou tão chata que já estou pensando que irei embora do Brasil de novo. Estou me controlando para não ficar alegre demais.

Estou tão contente. Quem sabe se no Rio conseguirei escrever de novo e me animar.

Torquay, 23 de outubro de 1950

...Aqui é tipicamente cidade pequena, tem cheiro de Berna. Sem ser por pouco tempo, seria chatíssimo. Todo o mundo é mais ou menos feio, com chapéus horríveis, modas horríveis nas vitrines. Em cidade pequena, até os filmes são ordinários, de far-west e comédias, de um modo geral. Fiquei radiante de você ter visto "Ladrões de Bicicleta". Não é mesmo um dos maiores filmes que já fizeram? Talvez mesmo o maior. Imagine que entramos no cinema para vê-lo sem nenhuma referência anterior, apenas porque o diretor era bom. Imagine o choque e a surpresa. ...Julien Green, para mim, é dos maiores e foi minha paixão por muito tempo. (Só deixou de ser porque também as paixões literárias vão se apagando, sem se saber por quê.) Mas ainda o venero apesar de seus últimos livros terem decaído muito.

Aqui o frio está pouco à pouco apertando. Mas o hotel é bem aquecido. Aos domingos de noite tem cinema.

De qualquer modo, apesar de Toquay ser tão chatinho, gosto da Inglaterra. A falta de sol, certas praias com rochas escuras, a falta de beleza — tudo isso me emociona muito mais do que a beleza da Suíça. Por falar nesta, cada vez mais a detesto. Espero nunca mais estar nela.

Torquay, novembro de 1950

Aqui tudo bem. Pedrinho com a terceira babá. Mas essa parece boazinha e Pedrinho gosta dela. Mas está tão agarrado a mim que é um desespero. Ele está muito bem, cheio de palavras novas, mas tudo em português. Come que é uma beleza, vive faminto, conversando sobre comida, 'carninha gostosa', 'peixinho ótimo', etc. Ele fala tanto que se ele de um modo geral não fosse um filho eu ficava cansada. A conversa não varia muito — é sobre comida, carros, ônibus e comida de novo.

Ontem fomos ver umas cavernas antigas — milhões de anos pré-históricas. Descobriram lá ossos de homens pré-históricos e restos de bichos. Foi muito bonito. Apesar de dar certa aflição. Saí de lá disposta a não me preocupar com coisas pequenas, já que atrás de mim havia tantos e tantos anos. Mas, chegando no hotel, vi que era inútil — nada tenho a ver com a pré-história, a comida de Pedrinho é mais importante.

...Já tinha vontade de arrumar as malas de novo e de estar no Brasil. Aqui está frio de doer. Às quatro da tarde é noite fechada. O vento corta o

rosto, dá uma vontade de gritar. Deixa tudo miserável. Domingo de manhã caiu a primeira nevada. Fomos, com um grupo, andar a cavalo. E ainda hoje, terça-feira, estou toda doída...

Torquay, 28 de novembro de 1950

...Gostamos muito de Londres. Não era como eu pensava. É menos 'evidente'. E se é uma cidade misteriosa, não tem propriamente título de 'mistério'. Não é como Paris que é imediatamente e claramente Paris. É preciso ir pouco a pouco entendendo, pouco a pouco reconhecendo. E depois a pessoa começa a gostar. Fomos a dois teatros. Vimos uma peça muito boa com... Tyronne Power. Ele é uma uva. Muito mais uva do que no cinema. Eu pensava que ele devia ser o tipo do bonitão e do burrão. Pelo contrário.

Washington, 10 de maio de 1954

...Estou muito atrasada com a correspondência com vocês porque estive muito ocupada. Recebi as provas da tradução de "Perto do Coração Selvagem", já em certo tipo de papel que Érico³ reconheceu como sendo papel definitivo: isto quer dizer, minhas correções devem ter ido tarde demais. E foram tantas as correções que eles teriam que refazer toda a paginação, etc. etc. Se já chegaram tarde

3. Érico Veríssimo.

demais, é melhor eu esquecer o caso, se não quiser me aborrecer seriamente.

A conselho de Érico, mandei uma carta dizendo que a "tradução era escandalosamente má", etc., que preferia que o livro nunca fosse publicado na França a sair como está, sem correções. E mandei exemplos dos erros de tradução. Esse trabalho me levou cerca de dez dias, trabalhando muitas vezes até duas e tanto da madrugada, pois fui obrigada até a escrever em francês. Para vocês terem uma idéia da tradução, eis alguns exemplos: em português: "ao fim de alguns instantes, as chammas subitamente reanimadas" foi traduzido: "ao fim de alguns instantes, tudo o que nela o chamava, se acordou" (com certeza a tradutora vendo "chammas" achou que se tratava do verbo chamar). Aonde ponho: "o pai estava despen-teado", a tradutora põe: "o pai estava sem fôlego". Aonde ponho: "ela temia continuar ao lado de Fulana", a tradutora pôs: "repugnava-lhe estar, etc." Eu escrevi no original: "Fiquei tonta, disse ela". A tradutora traduziu: "Fiquei estúpida, disse ela." (A tradutora deve conhecer melhor o espanhol e tonto em espanhol quer dizer mais ou menos estúpido.) Escrevi: "com suas olheiras negras...". Ela traduziu "com seus óculos escuros...". O livro está todo assim, e em muitos trechos perde totalmente o sentido. Uma noite, à meia-noite mais ou menos, eu estava tentando ler e corrigir, quando deparei com uma brutalidade de tradução, tão forte, tão inesperada, que, sozinha, mesmo, ri a ponto de chorar. Imaginem que escrevi, em má hora, no original: "a boca em forma de muchocho". E sabem como ela, toda engraçadinha, traduziu? Assim: "la bouche en cul-de-poule".⁴ Que tal? Quando escrevo a palavra "por-

4. "A boca em cu de galinha".

cária", ela traduz por "excrementos", mesmo quando não é o caso. Sem falar em liberdades engraçadas que ela tomou. Eu escrevo: "a criada" e ela traduz: "a criada preta" — sendo que em nenhum pedaço do livro se fala em nenhum criado negro. Enfim, estou procurando passar por cima desse aborrecimento e esquecer. Parece que é tarde demais, que não vão poder fazer nada. Então vou procurar esquecer que o livro foi traduzido.

Washington, 17 de março de 1956

...Meu livro⁵ está com Érico que parece estar gostando muito. Ele está fazendo várias anotações e vamos ver se concordo. Tinha uma vontade louca de me ocupar muito, mas não em livro, estou muito cansada. Esse livro teve umas oito cópias, cada uma um pouco diferente da outra. Mas queria me ocupar, cabeça sem emprego só dá chateação. Queria me ocupar tanto que de noite eu estivesse bem cansada. Vamos ver."

*

...A primavera está custando demais este ano, faz frio e muita umidade; no ano passado, a essa altura, tudo estava já estabelecido, quero dizer, a primavera. Ainda estou estudando inglês, se é que se pode chamar de estudar. Com a minha enorme preguiça e impaciência, as aulas (uma por semana) terminaram sendo de conversa, e estou com os verbos exatamente onde estavam antes, isto é, mal colocados.

5. A Maçã no Escuro.

...Eu não tenho jeito para curso, minha vida é uma preguiça contínua. Parece incrível que eu esteja aqui, lugar dos cursos, não me anime para nenhum. Tudo me parece difícil, fora de hora, fora de mão, fora de interesse. Se não tomar cuidado, fica-se embotada. Mas não me incomodo muito de ficar embotada...

...O Jango vem aí, e não me sinto mentalmente pronta para recebê-lo. Sem vê-lo, já o clarividencio completamente. Vai haver recepção na embaixada na terça-feira.

...Meu próprio futuro me parece a coisa mais vaga, procuro viver dia a dia, é um esforço essa tentativa.

...Um dia desses tive um ódio muito forte, coisa que eu nunca me permiti; era mais uma necessidade de ódio. Então escrevi um conto chamado "O Búfalo", tão, tão forte, que, por experiência, fui ler para Mafalda,⁶ Arnaldo Pires (um rapaz que mora aqui e trabalha na União Pan-Americana), e eles sentiram até um mal-estar. O rapaz disse que o conto todo parece feito de entranhas... É a história de uma mulher que vai ao Jardim Zoológico para aprender com os bichos como odiar. Essa mulher, que só aprendeu a perdoar e a se resignar e a amar, precisa pelo menos uma vez tocar o ódio de que é feito o seu perdão. Entende-se que ninguém tem culpa: ela está tentando odiar um homem cujo "único crime impunitivo" é não amá-la. Na verdade, por mais irracional que fosse, ela o odiava, só que não conseguia sentir em cheio o próprio ódio. Depois é que vem o búfalo. Mas estou vendo que estou matando a história, contando-a desse jeito. Um dia vocês lerão.

*

6. Esposa de Érico Veríssimo.

Estou copiando o livro, mas muito devagar e já sem interesse. Quando acabar mando.

...Além da saudade normal, tive ontem uma particular, uma vontade de passar uns quinze dias aí com vocês.

...Aqui tudo bem, apesar de umas festinhas da embaixada tão chatas que parecem um pesadelo. No dia 13 de novembro vamos para Boston com o embaixador e a embaxatriz, convidados por uma organização qualquer, e ficaremos dois dias, dia 15 estou de volta. Vamos ter uns oitenta banquetes nesses dois dias, o que me dá enxaqueca prévia.

Washington, 15 de janeiro de 1957

...O livro — Eu não recebi resposta da Civilização Brasileira que tinha ficado de me escrever depois de ler o livro. Depois recebi carta de Rubem Braga dizendo que José Olympio publicaria, se eu quisesse, em 1958, já que a Civilização não parecia se decidir. Então escrevi carta para Rubem e Fernando⁷, dizendo que não queria José Olympio, pois este não só não lera o livro ainda, como, se lesse e aprovasse, na verdade 1958 queria dizer 1968. E dizendo que liberasse a Civilização Brasileira do incômodo de me dar um veredicto: que eu retirava de lá os originais. E que me dessem o nome de uma oficina a quem eu pagasse a publicação. Recebi carta de Fernando, e ao mesmo tempo da Civilização Brasileira. A desta dizia que não me respondera porque o livro ainda não tinha sido lido, mas que pretendiam publicar, e que em cerca de 12 dias me

7. Fernando Sabino.

escreveriam. Fernando dizia a mesma coisa. Estou esperando, pois já se passaram muitos 12 dias e não veio carta.

...Já fiquei bastante humilhada com o fato de Fernando ter que mexer tanto no assunto, mas ele, pelo menos, age como um 'estranho' interessado, e não em meu nome direto.

Passamos o dia 31 numa espécie de night-club, com um grupo neutro, todos se esforçando razoavelmente por se animar, cada qual, no fundo, tendo o desejo de estar em companhia melhor e mais genuinamente companhia.

— ...Há um mistério em falar e não adianta negá-lo pelo fato de não podermos explicar exatamente esse mistério. É o mistério da comunicação. Assim como, pelo fato da gente não poder explicar logicamente por que se ama uma pessoa (não são exatamente pelas qualidades dela) isso não faz a pessoa negar a existência do amor: assim é com a comunicação. Peço a você que não recuse a ajuda que existe neste mundo — a ajuda de uma pessoa a outra. A ajuda de ouvidos inteligentes. Não me responda: "sei bem o que há comigo, não preciso que ninguém me esclareça." É possível que você saiba. Mas ouvir-se falando é inteiramente diferente do que "pensar" para si mesma, ou mesmo falar diante do espelho e para a própria imagem. Sei que santo de casa não faz milagre, e que minha experiência não chega a ter valor para você por se tratar de minha experiência (não há nada de ofensivo para mim nisso, isso acontece de um modo geral com todos). Mas acredite que estou pondo a emoção de lado, a emoção da enorme amizade que nos liga e sempre nos ligou, e estou falando com a capacidade de objetividade que posso ter.

...Se você não se irritou enquanto leu essa carta, muito obrigada por não ter se irritado.

...A novidade aqui são dois patinhos vivos. Um morreu, porque Pedrinho pisou nele sem querer. O outro é uma graça. Nunca pensei que pato tivesse natureza-íntima tão diversa de pinto. Pinto está sempre com medo, e, além de lindo, é burríssimo, tão burro quanto a futura galinha ou galo que um dia será. Mas pato é altamente sociável, procura companhia, anda atrás da gente feito cachorro, se deixa acarinhar — e, coincidência altamente curiosa, tem o andar típico de pato. Como a gente na vida tem sido tão enganada com promessas vãs, a gente fica boba ao ver que não estavam ludibriando a gente quando diziam que pato anda como pato. Pois anda. Pinto, por mais que a gente procure fazer feliz, está sempre miserável. Pato, não, não frustra a gente porque 'corresponde' e faz a gente se sentir muito generosa.

...Com os anos de ausência acumularam-se tantos fatos e pensamentos que não foram transmitidos que sem querer se toma um ar misterioso. Se estivessemos juntas, mesmo que eu não contasse, alguma coisa se transmite sempre pelo rosto, pelos gestos, pela presença. Ou então uma pessoa sente o calor da outra, e tudo de algum modo se comunica. Mas, com o tempo, habituei-me também ao silêncio, e fica assim mesmo. Mas não há propriamente mistério, senão 'o da vida', em profundidade e em superfície.

Clarice

Este livro, escrito por nós, só foi até onde permitiram seus manuscritos.

Foi feito por impulso, como quem estala os dedos das mãos para, de um modo íntimo, entrar em contacto com o fundo de seus ossos. Ao estalar os dedos, as articulações se ligam com elas mesmas — e tudo grita; tudo vive, tudo é. E isto é, em última análise, um modo de falar com o próprio corpo.

Nesse impulso mergulhei até o núcleo mais fundo de mim, na busca ansiosa dos mistérios mais densos, dos conteúdos mais profundos da memória. Voltei com a consciência do outro — você.

Na minha busca procurei não invadir sua intimidade, embora ela esteja evidente nos fatos e implícita nas sensações. Descobri isso através de nossa convivência e continuo reconhecendo coisas já vividas, mas, que devido à proximidade, não percebia.

Agora, sinto-me mais perto de você. Suficientemente perto. Sua presença é definitiva. Foi um fugaz, triste instante, quando a respiração cessou, quando o coração emudeceu. Mas sua semente é de todos nós.

Você sentou-se à nossa mesa e contou muitas histórias. A vida de alguém como você não nos deixa mudos. Muito menos, a morte. Os que te amamos não ficaremos em silêncio.